

RAP NACIONAL

rapnacional.com.br

GRÁTIS
PÔSTER

O Novo Caminho de Edí Rock

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA ELE FALA SOBRE
O NOVO DISCO "CONTRA NÓIZ NINGUÉM SERÁ",
A PARCERIA COM SEU JORGE, RACIONAIS MCS,
O DESEJO DE ESCREVER UM LIVRO E MUITO MAIS...



R\$9,99

E MAIS: DJ CUCA, MARKONE, PEPEU, PROJOTA, RASHID, MC MARECHAL, CA.GE.BE, DJ BRANCO, HOT BLACK, SEM MEIA VERDADE, JAN KING, HIP HOP DECLARA GUERRA AO CRACK EM BRASÍLIA...



MADRID

LOJA RAP NACIONAL APRESENTA:

A MARCA MAIS GANGSTA DE LOS ANGELES



COMPRE NA

LOJARAPNACIONAL.COM.BR

Páginas 10 e 11



Páginas 14 e 15



Páginas 30 a 32



Páginas 17 a 23



Páginas 50 e 51



Páginas 36 a 48



Páginas 52 a 54



Editorial

DA NOVA A VELHA ESCOLHA!

O novo não existe sem o velho, nem se faz futuro sem passado. E quando a combinação de velho e novo caminham lado a lado, com respeito e admiração, temos a certeza que valores não se perderão com o tempo.

Nesta edição da revista RAP NACIONAL tivemos a honra de entrevistar, ou melhor, conversar durante horas com uma das personalidades mais admiradas do RAP no Brasil, Edi Rock. E aproveitando o saudosismo que bateu na redação, conseguimos uma entrevista exclusiva com o lendário produtor DJ Cuca, que produziu o primeiro RAP NACIONAL.

E você sabe quem cantou e qual foi o primeiro RAP NACIONAL? Se ainda não sabe, corra para a seção "Por Onde Anda", porque entrevistamos nada mais, nada menos, que um tal de Pepeu.

Mas como já falei, o velho não existe sem o novo. Nesta edição temos dois excelentes representantes da nova geração de MCs, Rashid e Projota. E essa mescla musical faz parte também da história de Markone, um graffiteiro e tatuador que é destaque no mundo do hip-hop. Temos ainda uma matéria com Marechal e o seu jeito poético de fazer RAP.

E como não há limites para os quatro elementos, fomos a Salvador/BA conferir o "Hip-Hop em Movimento", a São Paulo participar do 1º Salão Internacional Gospel e em Campinas curtir um bom show de RAP.

A preocupação social nasceu com o hip-hop e permanece viva até hoje. Prova disso é o projeto Hip-Hop Contra o Crack, de Brasília, que luta para que os jovens não se percam nesse triste caminho.

Nas páginas desta edição você confere o hip-hop de vários sotaques e várias idades, mas sempre o verdadeiro hip-hop



RAP
NACIONAL

Publicação:

Portal RAP Nacional
www.rapnacional.com.br

Tiragem:

30 mil exemplares

Diretor:

Willian Domingues
(Mandrake)

Jornalista Responsável:

Elaine Mafra
(Mtb 47.959)

Colaboraram com esta edição:

Cristiane Oliveira,
Dj Branco,
Paula Farias e
Toni C

Projeto Gráfico e Diagramação:

Willian Domingues
(Mandrake)

Foto da Capa:

Marcio Salata

Departamento Comercial:

[47] 3046.6156
[47] 7811.3497 (Nextel)
[47] 8415.9477 (Oi)
[47] 9672.8061 (Tim)
92*199119 (ID Nextel)
revista@rapnacional.com.br

Acesse

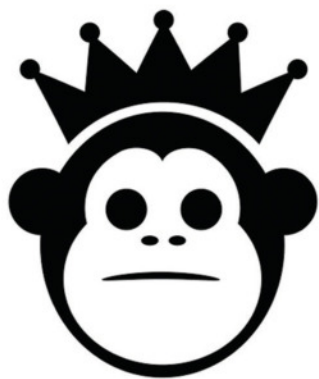
rapnacional.com.br/revista

Compre sua revista através do site. Enviamos para todo o Brasil.

Twitter

twitter.com/RAPNACIONAL

RAP
NACIONAL
www.rapnacional.com.br



KINGS

s n e a k e r s

www.lojakings.com.br

**CUPOM DE
DESCONTO**



KINGS
sneakers
★★★★★

código: **KGRN04**



**VENHA NOS
VISITAR!**

Av São João, 439 - Lojas 20 / 34 / 111 / 167 - Centro - SP



w

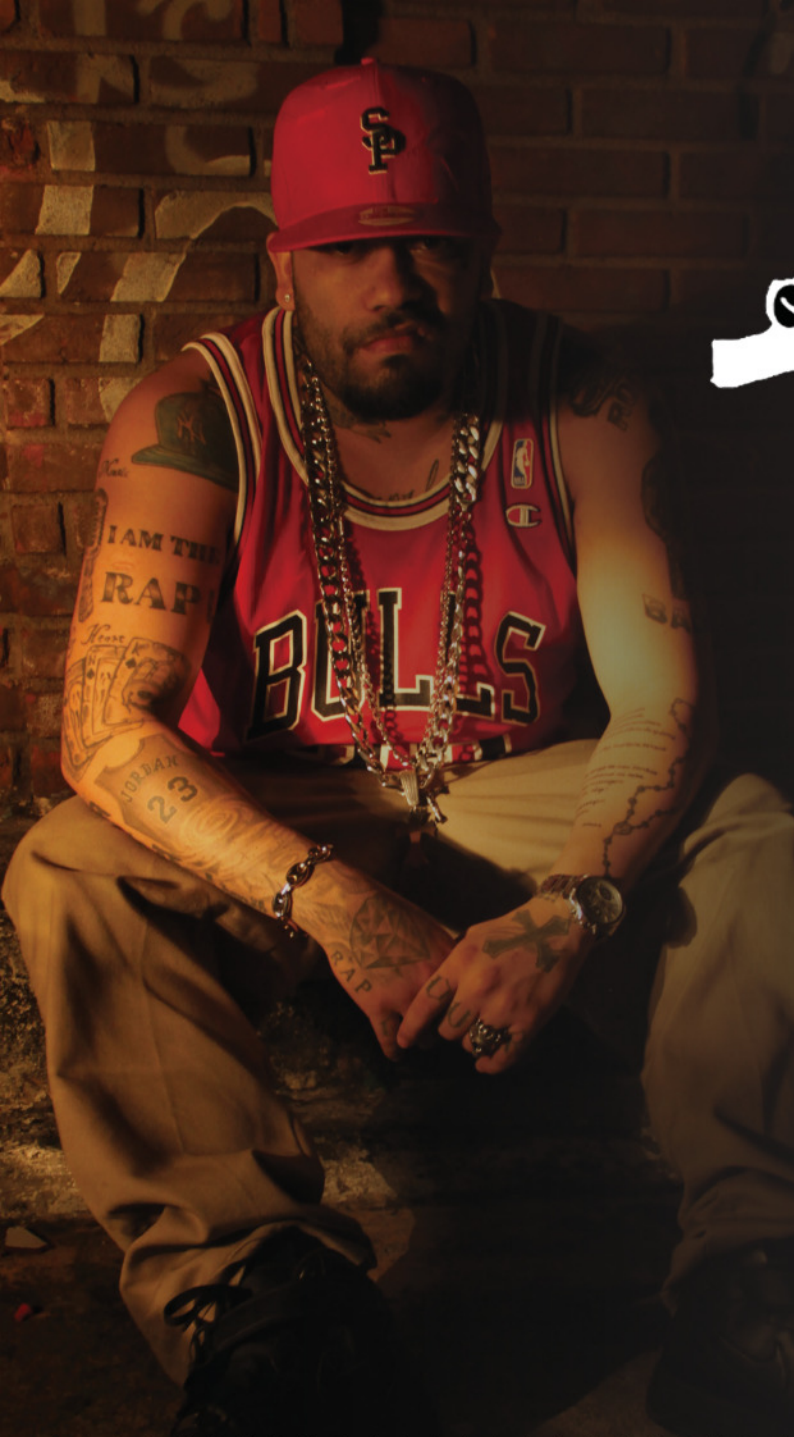
15%
off

***Cupom de desconto:** somente para compras no valor de até R\$500 realizadas no site (www.lojaking.com.br). Informe o código no campo "Cupom de Desconto" localizado na primeira etapa da compra. Válido somente para os meses de Maio e Junho 2012.

www.lojaking.com.br



www.facebook.com/lojaking  www.twitter.com/loja_kings



Jan King

ORIGINAL GANGSTA

Por Elaine Mafra | Foto Divulgação

Jan King pretende estremecer as estruturas do RAP tradicional com sua primeira mixtape. O trabalho que recebeu o nome de “Minha Vida Gangsta” conta com participações de peso: Vanessa Jackson, Quelynah, Tim Arif, Jéssica Augusto, L.Dias, Vulgo Fanho, Mc Homem (Itália) e Omar Cruz, que inclusive já gravou com The Game, são alguns dos nomes. Jan King acredita que a mixtape será bem aceita. “Farei sucesso, pois é algo de qualidade, coisa que é muito difícil de ver por aí”, provoca.

Quem já conhece o estilo de Jan King sabe que alguns temas são frequentes em suas letras, entre eles: tráfico de drogas, dinheiro, mulheres, ódio e tretas. Jan King fala o que pensa e não tem medo de chocar. Ele garante que essa é a sua realidade e que tudo que canta nas letras é porque já viu ou viveu. “Minhas letras não são muito conscientes, não faço letras bonitinhas. Eu sou totalmente influenciado pelas ruas sombrias do centro de São Paulo. Minhas letras são reflexo da minha vida”, explica. A previsão é que “Minha Vida Gangsta” chegue às ruas em julho.

Sem medo de causar polêmica o rapper da Barra Funda lançou há poucos meses o videoclipe “Ela Quer”. As cenas foram gravadas num motel e mostram uma mulher só de lingerie. “Fiz no motel porque a música fala disso. Não posso fazer o clipe de uma música que fala de sexo na igreja, não é mesmo? Essa é apenas a realidade, simples e sem rodeios. O Brasil é um país muito hipócrita. Quem conhece as ruas e baladas de RAP sabe como funciona a noite”, argumenta Jan King.

As letras de King podem causar polêmica e dividir opiniões, mas o que é consenso sobre o rapper é que seus trabalhos têm qualidade e profissionalismo. Prova disso são os vídeos lançados, além de “Ela Quer”, vale à pena assistir: “O desafiante”, “Showtime” e “Sem Dilema”.

Aos 25 anos de idade Jan King coleciona experiências que marcaram sua personalidade. A difícil relação com o pai, que foi viciado em álcool e drogas, a mãe e a avó que se desdobraram para criá-lo, a convivência com o submundo de São Paulo, as vitórias e fracassos que teve que enfrentar. Essas vivências o transformaram num guerreiro disposto a tudo. “Quero elevar a qualidade sonora e visual do RAP. Não tenho vergonha de dizer que me espelho nos rappers lá de fora. Afinal, se espelhar nos melhores não é vergonha”, finaliza.

CONTATO: (11)7779.4288 | 125*50783
www.cokamusic.com.br

DO FUTEBOL AO RAP

Jan King já foi jogador de futebol e atuou no Corinthians (SP), Portuguesa Londrinense (PR) e Juventus da Rua Javari (SP). Por diversos motivos ele teve que abandonar os campos e foi nessa fase turbulenta da vida que o RAP tornou-se seu grande aliado. Com objetivo de conciliar as duas grandes paixões, RAP e futebol, Jan King lançou o single “Eu Sou Corinthians”. O que era para ser apenas uma música se transformou numa mixtape, graças ao apoio do tatuador Markone. “Além da minha música a mixtape tem o hino do timão e muitas narrações históricas. Fiz questão de vender o CD de mão em mão e atingi a marca de 4 mil peças vendidas”. A mixtape “Eu Sou Corinthians” já está na segunda edição e dessa vez têm 22 músicas de diversos estilos, como samba, rock e MPB. A ideia agora é lançar também um videoclipe em homenagem ao Corinthians.



"Contra nós ninguém será"

Estamos felizes em saber que a cada nova edição a Revista RAP NACIONAL atingi uma número maior de pessoas e rasga horizontes. A 3ª edição chegou as mãos de pessoas importantes como você leitor que nos apoia e nossos amigos da foto abaixo. Obrigado a todos!



FLORA MATOS

RAEL DA RIMA

EDI ROCK

DJ ALPISTE

B.BOY STORM

COMPRE A REVISTA RAP NACIONAL PELA INTERNET E RECEBA EM SUA CASA!

WWW.RAPNACIONAL.COM.BR/LOJA - REVISTA@RAPNACIONAL.COM.BR



SWAG
MAGAZINE CA
WHERE EVERY ARTIST SHOULD BE

RAP
NACIONAL

A Revista RAP NACIONAL já é sucesso na Califórnia. Estamos na 4ª edição e duas conceituadas grifes de Los Angeles, City Locs e Mafioso, já anunciaram em nossa revista. O objetivo das mesmas é atingir o público do hip-hop no Brasil e para isso escolheram este veículo de comunicação.

E as boas notícias vindas de Los Angeles, berço do gangsta RAP, não param por aí.

A partir da 5ª edição teremos uma coluna que será comandada por Larry Smith, editor da Revista SWAG MAGAZINE CA. Larry falará sobre as novidades do verdadeiro gangsta RAP da Califórnia. Já o editor da Revista RAP NACIONAL, Mandrake, passa a ter uma coluna mensal na SWAG MAGAZINE CA, para divulgar grupos brasileiros na revista norte-americana.

RASHID, JUSTO E VERDAD

Por Paula Farias | Foto Dani Rodrigues | Shows agenda.rashid@gmail.com

Enquanto as pessoas correm a passos largos em direção ao metrô, na loucura de voltar para casa depois de um dia intenso de trabalho, o RAP NACIONAL corre na direção contrária porque o nosso trabalho está apenas começando.

Próximo à estação Consolação na Avenida Paulista, coração da cidade de São Paulo, encontramos pela primeira vez para uma entrevista, Michel Dias Costa, 24. Conhecido como Rashid, que na língua árabe significa “justo” e “verdadeiro”, o jovem é um dos MCs com maior destaque na cena do RAP NACIONAL atualmente.

Rashid se aproxima com o olhar tímido e em pouco menos de uma hora de conversa o MC mostra que por trás do jeito de menino há postura e consciência de gente grande.

Rashid acaba de lançar sua nova mixtape “Que Assim Seja” e escolheu um dia muito especial para o lançamento deste novo trabalho. Foi durante uma twitcam histórica, com 7.500 pessoas na data de seu aniversário e ao lado dos parceiros Projota e Dj Caique que o rapper deu o play para que seus fãs pudessem conferir mais este trabalho. Durante quase uma hora de transmissão, o MC recebeu um telefonema muito especial de sua mãe, que mesmo estando longe ligou para parabenizá-lo por ambos os acontecimentos.

“Que Assim Seja” já é sucesso entre os fãs. Segundo Rashid a mix foi feita com calma e as faixas foram fluindo naturalmente. “Eu comecei a fazer as músicas dessa mixtape em junho de 2011, logo depois do lançamento da mixtape anterior “Dádiva e Dívida”. Eu já estava

fazendo novas músicas porque eu me encontrava em um momento da hora. A mixtape “Que Assim Seja” é o meu trabalho mais livre, estava sozinho no estúdio, tinha tempo para pensar, executar e tentar novas coisas, era somente eu e o microfone”, relembra Rashid.

Com a mesma facilidade com que fala de amor, o MC também dispara rimas repletas de denúncias e críticas sociais. No novo trabalho é possível notar claramente o lado pesado do rapper nas faixas “V de Vingança” e “Diário de bordo parte II”. Já a música título do disco, vem sendo motivo de burburinho na internet. Laudz, um dos melhores produtores musicais do momento, declarou em seu twitter que esta por enquanto é a melhor música de 2012, opinião compartilhada por muitos fãs do MC.

Não é possível classificar Rashid como um rapper underground, aliás, sobre essas divisões do RAP ele é contundente. “Eu não acredito nessa diferença, porque quando as pessoas falam a palavra diferença, elas já colocam ali uma distância, um abismo e eu não acredito nesse abismo. Acredito que as paradas são muito mais próximas do que realmente parecem. A diferença existe na forma de se manifestar e essa é a riqueza da nossa cultura, existe RAP para todos os gostos, então dominamos por todos os lados”, declara o MC que tem como ídolos: Mano Brown, Helião, Edi Rock. DMN, MV Bill e Eduardo do Faccão Central.

Rashid fala sobre amor, mas também expressa a dor, conseguindo unir os dois sentimentos no mesmo trabalho, fazendo com que seu RAP possa ser companheiro dos manos e das minas nas mais diversas situações, seja na ale-

gria ou na tristeza, trazendo tudo para a música, sem perder a essência, essa é a forma Rashid de ser.

É assim que o rapper está tendo uma constante ascensão, fazendo shows por todo o Brasil e estando em evidência na chamada grande mídia, mas deixa claro que sua maneira de cantar e ideais não mudam. Para Rashid, um dos motivos do RAP chegar em lugares onde nunca esteve, é o freestyle. “O freestyle nos últimos tempos tem chamado a atenção de pessoas de fora do RAP, até hoje quando eu vou fazer show e tem um público que não conhece muito sobre RAP eu gosto de fazer freestyle. Isso chama atenção, desperta curiosidade e atrai também a atenção dos veículos de comunicação para os MCs mais novos” explica.

Sobre o atual momento do RAP, Rashid é categórico. “O RAP está da hora, todo mundo esperando o disco do Racionais MCs. Eu acho que quando sair será um furacão na vida de todos. Espero que saia ainda esse ano”.

E como o tempo passa muito rápido, nossa entrevista chega ao fim. Mas antes a última pergunta para Rashid, que há pouco menos de três anos era somente Michel, um menino que tinha como sonho se tornar MC.

Hoje Rashid se tornou uma realidade, que chegou de forma tão voraz que nem ele parece acreditar em tudo que está acontecendo. “Às vezes eu acho que a ficha não caiu,. Desde 2010 as coisas começaram a acontecer e comecei a viajar e receber para fazer show. É muito louco. Tudo que eu sempre

FEIRO ATÉ NO NOME

quis foi ver minha mãe feliz e ouvir incentivos da minha família, depois de tanto esforço na época das batalhas de MCs. Conquistar o respeito da minha família é uma das minhas maiores conquistas”, finaliza o MC com brilho nos olhos e um sorriso estampado no rosto.

Ao final da entrevista Rashid foi embora rumo a um show, a uma nova conquista, e nós do RAP NACIO-

NAL vamos rumo a uma nova missão, porque o RAP não para e não pode parar.





DISTRIBUIDOR



TEMOS O
MELHOR
PREÇO DE
ALGODÃO
DO
BRASIL

.BEATZ SHOP

Rua 24 de Maio Nº62
Sub-solo, Loja 50
Tel: (11) 3338-1298

Centro - São Paulo

Av. São João Nº439
Sub-solo, Loja 16
Tel: (11) 3333-3170

.BEATZ

 contato

 twitter.

 facebook

CDs, DVDs, LPs, Rap Nacional e importados,
bonés, camisetas, acessórios, roupas
importadas, fones de ouvido, headphones,
bottoms e todo universo do hip hop nacional e
independente você encontra aqui.

Ponto oficial de toda a linha de produtos



AXL

DeXter

**A LOJA DE HIP-HOP MAIS
COMPLETA AGORA ENTREGA
PARA TODO O BRASIL!**



BEATZ CONTATOS

beatzshop@beatzshop.com.br

www.beatzshop.com

facebook.com/beatzshop

Entregamos para todo o Brasil
via Sedex ou Pac



OFFICIAL* SONY



PHILIPS



Se a caneta estourar, ele v

Por Paula Farias

Fotos Bruna Oliveira e Pablo Vaz

Ele é santista, mora no Lauzane – região norte da cidade de São Paulo –, se tornou um dos grandes nomes da nova geração de MCs e está prestes a lançar seu primeiro DVD. Projota e seu estilo inovador tem mudado a cara do RAP NACIONAL.

O MC revelado nas Rinhas do metrô Santa Cruz viu sua vida mudar completamente a partir de 2010. “Foi aí que tudo começou realmente a dar certo. Coloquei o disco na rua, um material para as pessoas poderem levar para casa. Eu falo que o legal do CD é que com ele nosso trabalho entra pela porta da frente na casa das pessoas, por isso acho muito importante o lance do CD físico”, explica.

Vai sangrar para escrever...

Foco, Força e Fé, os três “Fs” que juntos formam a palavra sucesso e trouxeram para a vida de Projota tudo que ele sempre sonhou no RAP

Agora o jovem MC vai entrar nas casas dos fãs também em forma de DVD. O trabalho intitulado “Realizando Sonhos” foi gravado em Curitiba para um público de mais de quatro mil pessoas, contém diversas participações especiais e deve chegar às ruas em breve. “A primeira coisa que eu vou fazer quando meu DVD sair é distribuir gratuitamente para os moleques da rua onde eu morava, porque eu quero espelhar esse trabalho na minha quebrada”, comenta Projota.

Foi nas ruas do Lauzane que ele aprendeu muitas coisas e conheceu pessoas essenciais na sua vida. “O Lauzane para mim é muito importante tanto que eu me mudei, mas continuei morando ao lado, nunca vou me desvencilhar desse lugar. Foi aqui que eu conheci o Rashid, que se tornou meu irmão, aquele irmão que eu tive a oportunidade de escolher na vida, então distribuir o DVD na região será muito gratificante”, declara o MC.

O sucesso de Projota ultrapassou

barreiras e ele sabe que seu público já não se resume apenas aos moleques da quebrada. “Não existe uma definição para o meu público, ali no Lauzane todos os moleques ouvem meu som ao mesmo tempo um moleque que tem uma condição melhor de vida escuta também. Quem disse que essa pessoa não tem direito de ouvir a minha mensagem? Minha mensagem é para todas as pessoas”, dispara.

Projota cresceu ouvindo Racionais MCs e foi o disco “Nada como um dia após o outro dia” que o impulsionou a fazer RAP. Ele se declara ainda fã de RZO, Dexter, Sabotage, Faccão Central, Realidade Cruel e sabe bem o poder que as rimas representam. “A mensagem não vá para o crime salvou minha vida, graças a Dexter, Mano Brown e Helião. Hoje eu uso a minha letra para passar a mesma mensagem para outras pessoas. Mas há aqueles que não estão tão próximos disso e precisam ouvir outras coisas então eu tento unir a diversidade nas minhas letras”.

É justamente esse modo versátil que faz com que algumas pessoas critiquem o som do MC. “Eu acredito que muitas vezes as pessoas não conhecem tão bem o meu trabalho, assim como eu já presenciei muita gente falando mal do Faccão Central sem conhecer o trabalho deles e eu sendo fã do grupo debatia a favor, agora a mesma coisa está acontecendo comigo”, desabafa.

As críticas infundadas não interferem no trabalho de Projota, que encara numa boa e continua seguindo sua carreira com muito foco, força e fé. Atualmente ele trabalha ao lado da esposa e tem o apoio e o amor incondicional da família, que sempre o incentivou. “A minha família me apoiou desde o início. A minha mãe morreu quando eu tinha nove anos. Ela foi escritora e cantora, mas em uma época onde mulher tinha que casar e ter filho. Então ela parou com a vida artística, casou-se e teve filhos. Eu tenho a minha carreira como uma continuidade dela, é como se eu fizesse por ela, e minha família entende assim também”, declara o jovem rapper do Lauzane.

Projota é jovem e sabe que sua caminhada está só começando. “Eu não imagino como vou estar daqui dez anos. Não sei até quando minha mensagem será importante para as pessoas. O que eu quero é ser relevante. A sensação de ser importante na vida de alguém é inexplicável, não há cachê que pague isso. Eu não sinto necessidade pelos holofotes, as coisas vieram naturalmente e quero que continue assim. Meu objetivo de vida sempre foi ser feliz”, finaliza.



Conheça o grupo **Sem Meia Verdade**
que vem se destacando na cena do **Rap**

Sem Meia Verdade

TRAJETÓRIA



O grupo “Sem Meia Verdade” acaba de lançar a mixtape “Trajetória”. Esse novo trabalho marca a caminhada e sintetiza um pouco de tudo que o grupo já lançou. A mix tem 28 músicas e nomes importantes da cena nacional e internacional, tanto nas participações como nas produções.

O envolvimento dos integrantes do grupo, THL e RUD, com o hip-hop começou no graffiti em 1999. Em 2002 passaram a acompanhar o rapper Blitz, do Crime Verbal, fazendo graffitis durante os shows. Esse contato direto com o mundo do rap fez com que em 2003 nascesse o Sem Meia Verdade, que hoje é formado também por Dj Versus e os dançarinos Lil’B e Luc.

O primeiro disco do Sem Meia Verdade foi “Pregando no Inferno”, lançado em 2005 com quatro faixas. Na mesma época foi criado o selo “NosPega-eFaz”, que atualmente é formado por diversos grupos de rap de Minas Gerais e outros estados. Dois anos depois foi lançada a coletânea “Instinto Louco de Expressão – Pra Maloca Pirá”. O se-

gundo CD foi “Ao Vivo e Aos Corres”, de 2008. O disco foi gravado metade ao vivo durante um show em Vinhedo (SP) e metade em estúdio.

O ano de 2010 foi muito importante para o grupo por terem conseguido lançar o terceiro álbum. “Fel e Mel” foi feito em parceria com o grupo Diário Oficial da Periferia e teve cinco mil cópias vendidas. Os integrantes do Sem Meia Verdade se preocupam em desenvolver um trabalho além dos palcos com projetos sociais, a marca e grife “U Combio” e a produtora NósPega-eFaz, que tem o estúdio de produção e gravação Beluga Music, a rádio online com o programa “Aí Favela”, transmitido pelo site rapmineiro.com. Uma das últimas conquistas do grupo é a participação no programa Vozes do Morro 2012, com a música “Eu e Meu Irmão”. Esse é um projeto do Governo de Minas Gerais que seleciona artistas que tenham identificação com a comunidade e divulga o trabalho nas principais emissoras de rádio e televisão.

Com uma caminhada tão intensa, a mixtape “Trajetória” chega para mar-

car todos esses anos dedicados ao hip-hop. A mix foi lançada no formato de CD virtual e está disponível para download no link www.semmeiaverdade.palcomp3.com.br. No site do grupo é possível conferir outros trabalhos, como o videoclipe “Cara Fechada”, filmado por 019films de DJ Sinistro e Jords MCs, “Liga Liga”, feito por Jefinho BH & NósPega-eFaz, e “O Céu é o Limite ... pra quem não Fraquejar”, da P.dirão Vídeos. Para 2012 está previsto o lançamento do quarto disco, “Por Deus - A Estratégia”, com participações de peso do cenário rap e funk nacional. Também o DVD “O Céu é o limite... pra quem não fraquejar”, pela NósPega-eFaz. Todos os trabalhos realizados pelos integrantes do grupo contam com o apoio de Celo Rocha na programação visual, Rugo Belugo na produção, Marcos San Juan e Lidy San Juan na assessoria de imprensa e fotografia, ambos do blogdoparks.com.

CONTATOS:

9619-1091 - VIVO (THL)

7814-1976 - NEXTEL

13*910100 - ID (Nextel)

semmeiaverdade.palcomp3.com.br

HIP HOP BRASÍLIA É CONSCIÊNCIA

Nós, da comunidade hip hoppers de Brasília, preocupados com os índices de violência envolvendo jovens e adolescentes de nossa cidade e, principalmente por reconhecer a nossa parte de responsabilidade para com o nosso público, temos desenvolvido uma série de atividades de conscientização coletiva em prol do enfrentamento ao uso do crack pela juventude.

O projeto criado pelo Instituto Caminho das Artes e incorporado pelos principais rappers da Capital Federal foi intitulado:

HIP HOP CONTRA O CRACK que nas suas entrelinhas visa desenvolver e fortalecer o processo de construção da cidadania individual e coletiva de nossos jovens, sobretudo harmonizando e integrando todos os membros de nossa comunidade como verdadeiros agentes de transformação social.

Como se sabe, o discurso rítmico de nossa música, a linguagem fácil de entender e as poesias rimadas, fazem de nossa expressão o melhor canal para dialogar com o público jovem no sentido de conscientizá-los a trilhar um caminho de socialização e de construção social.

Portanto, além do fator cultural, o projeto HIP HOP CONTRA O CRACK busca por novas alternativas de produção com o objetivo de movimentar e sensibilizar o poder público e a sociedade em geral para a problemática das drogas no Distrito Federal, envolvendo a nossa comunidade como instrumento de comunicação na promoção de ações organizadas de conscientização coletiva em favor de um pacto pela valorização da vida, interferindo diretamente na transformação social dos jovens vitimados pelo uso das drogas, retirando das ruas, do tráfico, das gangues e da prostituição.

Vale ainda destacar que o projeto tem como meta principal, além de fazer com

que a nossa arte tenha visibilidade, condições e liberdade para avançar no desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade visa, sobretudo transformar manifestações culturais de rua em empreendimentos sociais que combatem à ociosidade, à inércia, à exclusão e, principalmente a marginalização. Mas também que evite a estigmatização dos adolescentes e jovens envolvidos com o consumo do crack.

Afinal, tem muita gente com a mente cheia de ideias capazes de mudar o mundo. Porém, é preciso mais do que divulgar estas idéias para que todos ouçam e levem em consideração. É necessário que se promova, produza e realize estas ideias para que seu resultado positivo seja conhecido e valorizado pelas pessoas. Portanto, nós da comunidade hip hop do DF tomamos a iniciativa de participar do desenvolvimento e compreensão destes encontros, sabendo também que a viabilidade de sua realização é um desafio que precisa ser assumido em parceria com todas as pessoas, entidades, governos e empresas com responsabilidade social.

É importante que o nosso ente cultural comece a pensar as suas políticas de cultura também com foco na juventude periférica, pois esta é uma contribuição que forma cidadãos conscientes com seus deveres e inclusive com seus direitos.



HIP HOP DECLARA GUERRA AO CRACK EM BRASÍLIA

O Movimento Hip-Hop de Brasília declarou guerra ao crack. Vários shows estão sendo realizados na periferia do Distrito Federal, reunindo de 10 a 20 mil pessoas na plateia. As 16 bandas do DF que integram o movimento já ultrapassaram a marca de 100 milhões de acessos em suas músicas postadas no Youtube.

Todo esse sucesso inspirou o produtor Helder Cunha a lançar o Projeto Rap Hour (Hora do Rap), que está gravando as apresentações dos grupos para lançar, até julho, um kit com CD e DVD ao vivo, além da construção de um selo web que vai disponibilizar a preço simbólico os trabalhos dos rappers candangos em plataforma digital. “Esses artistas não tem espaço, não são lembrados pela mídia, não aparecem na televisão e nem têm músicas tocadas nas rádios. Mas são fenômenos nas redes sociais da internet. É um movimento parecido com o dos anos 80, quando Brasília virou Capital do Rock Nacional”, observa o produtor.

Helder Cunha, que lançou dez bandas de Brasília, em parceria com a gravadora Warner, nos anos 80, agora quer “explodir o rap Brasília no Brasil” com o hip-hop consciência. “As gravadoras não têm orçamento para essas expressões artísticas e nem se interessam pelo hip-hop por representar em grande parte o gosto musical de um consumidor de baixo poder aquisitivo. Mas este é um movimento autêntico, um clamor da sociedade na periferia das grandes metrópoles e o sucesso deles na internet reflete exatamente isso: uma população de jovens sem renda para comprar CDs e DVDs caríssimos. Então esses jovens recorrem à internet”, justifica o empresário.

Embora a música seja o carro chefe desse movimento, as ações não ficam restritas aos palcos. O rapper Japão, líder do Viela 17, na ativa há mais de 20 anos, destaca que: “A ação vai além dos shows”. Ele próprio atua como ativista social junto às escolas públicas, principalmente em Ceilândia, a maior cidade do Distrito Federal. O hip-hop é a voz da comunidade, da

juventude periférica. No DF, esse movimento tem uma notoriedade gigantesca, mas não pela grande mídia. É o lado social, de luta diária contra o avanço das drogas, da violência urbana e a inserção da meninada num caminho criativo que faz a gente guerrear”, protesta Japão.

Além de tudo isso, existe ainda uma outra faceta do Movimento Hip-hop de Brasília. Os músicos são dedicados, com grande experiência no mercado e, alguns deles, são precursores do gênero no Brasil.

Se o hip-hop de Brasília luta pelo reconhecimento da grande mídia, quem não enxerga “milagres” nos “santos de casa”, por outro lado mostra uma realidade brasileira que não tem mais volta, o da inclusão digital, que pelo número de fãs virtuais desses artistas não deixa dúvidas sobre o avanço da internet no Brasil e a mudança de hábitos que ela está provocando, principalmente no mercado artístico. “Esse tem sido o caminho para a arte da periferia se promover”, analisa o Helder Cunha.

DOCUMENTÁRIO VAI SER DISTRIBUÍDO NAS ESCOLAS

Os mesmos artistas do movimento envolvidos no projeto Rap Hour e que gravaram um DVD em fevereiro na Sala Plínio Marcos do Complexo Funarte, em Brasília, com mais de mil pessoas na plateia e o dobro disso do lado de fora, integram um documentário que está sendo produzido pela ONG Instituto Caminho das Artes, em parceria com a Secretaria de Cultura do DF. Esse filme vai integrar um kit que será distribuído a 100 mil alunos da rede pública de ensino, entre 10 e 15 anos, que a faixa etária preferida de ataque dos traficantes. Para este projeto, já foram gravadas entrevistas, depoimentos e participações musicais de MV Bill, Dexter, A Família, DBS, Ndee Naldinho, Realidade Cruel, Emicida, Edi Rock e KL-Jay, Rosana Bronks, Charlie Brown Jr., entre outros que participaram da primeira edição do HIP-HOP CONTRA O CRACK no ano passado. Todos fazem alerta sobre o perigo do crack e de outras drogas.



foi um sucesso e reuniu mais de dez mil pessoas em um final de semana. “Queremos derrubar aquele prédio abandonado, intitulado de “Crack house” que serve de abrigo dos usuá-

levar esses shows não só as cidades do Distrito Federal como a todo o Brasil. “Hoje somos 708 mil jovens entre 15 e 29 anos. Um terço da população do DF, segundo números do governo. Os traficantes estão de olho nessa juventude e nós também. A idéia é buscar por novas alternativas para movimentar e sensibilizar a sociedade para a problemática das drogas no Distrito Federal, envolvendo a comunidade hip-hop como instrumento de comunicação para promover uma ação organizada de conscientização coletiva em favor de um pacto pela valorização da Vida, interferindo diretamente na transformação social dos jovens vitiados pelo uso das drogas, retirando das ruas, do tráfico, das gangues e da prostituição”.

Nomes como Tribo da Periferia, Voz Sem Medo, Guind'Art 121, Liberdade Condicional, Tropa de Elite, Atitude Feminina, Viela 17, Cirurgia Moral, Filosofia Negra, Gog, Jamaika, Sobreviventes de Rua, Comunicação Racial e Pacificadores não deixam dúvidas de que em Brasília está surgindo uma nova ordem no RAP NACIONAL. Da mesma forma com que as bandas de rock emergiram dos porões da Ditadura Militar para revelar uma juventude atuante e com ordenamento político nos anos 80, agora a cidade do poder apresenta ao Brasil jovens e veteranos dispostos a se armar com palavras e ritmo para combater a violência urbana, a exclusão sociocultural e mostrar que o preconceito é tão nocivo quanto as drogas.

Recentemente, em Ceilândia, o movimento “Hip-Hop Contra o Crack” montou um gigantesco palco em frente a um prédio abandonado e que é usado por traficantes para aliciar menores para o crack. O show

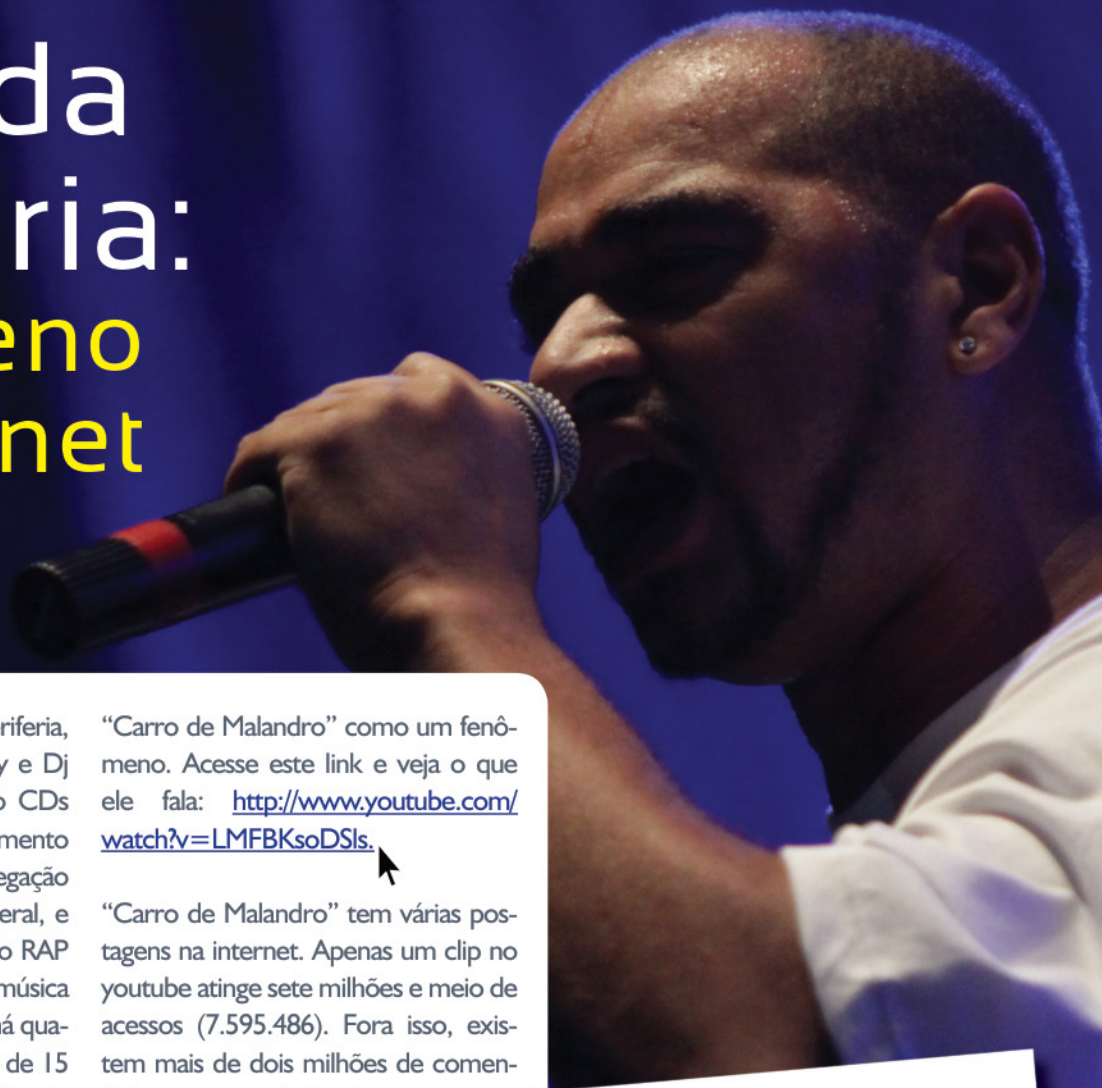
rios de crack. O Governo não faz nada e nós resolvemos agir, porque ali fica a nossa melhor praça e é ponto de encontro do pessoal do skate e do futebol de rua. Mas enquanto os jovens se divertem, em plena luz do dia, os “aviõezinhos” ficam vendendo drogas. Então fomos prá lá denunciar isso”, relata Japão, do Viela 17.

Japão, que virou porta-voz do hip hop do DF, diz que o movimento pretende

UMA GUERRA QUE JÁ DURA CINCO ANOS

O crack chegou ao Distrito Federal em 2007. De lá pra cá, o consumo não só aumentou como ultrapassou fronteiras. Se, antes, o crack era usado pelos traficantes para substituir a venda de merla, no Distrito Federal, hoje ele já faz parte da rotina diária dos jovens de classe média do Plano Piloto, no centro de Brasília. Mas isso não livrou Ceilândia - a principal cidade do DF, da droga. Ainda é possível ver, à luz do dia, crianças brincando, andando de bicicleta ou fazendo acrobacias com skate, no mesmo lugar onde jovens se encolhem pelo cantos para usar ou depois de fumar crack. Este é o cenário na Praça dos Eucaliptos, em Ceilândia Centro, onde os rappers montaram o show contra as drogas e que contou com a participação do grupo paulista Realidade Cruel, no início de abril. Lá, na chamada cracolândia de Ceilândia, o consumo da droga se dá a qualquer hora do dia. O lema desta ação cultural e social lembra muito os movimentos liderados pelos grupos punks ingleses nos anos 70, quando os filhos de pais desempregados foram às ruas pedir uma política social ao governo britânico: “Se ninguém quer fazer por você, faça você mesmo!”. É isso que os hip hoppers estão fazendo, indo às ruas do DF para tentar tirar a pedra de crack do caminho dos jovens brasileiros.

Tribo da Periferia: Fenômeno na internet



O grupo Tribo da Periferia, formado por Duck Jay e Dj Bolatribo, com quatro CDs gravados, integra este movimento em Brasília, espécie de congregação musical de rua do Distrito Federal, e se tornou o maior fenômeno do RAP NACIONAL na internet. A música “Carro de Malandro”, postada há quatro anos, já ultrapassou a marca de 15 milhões de acessos na somatória de todas as versões lançadas pela banda e por seus fãs. E haja fãs! A banda arrasta multidões em seus shows na periferia do Distrito Federal. É um sucesso igual aos dos grupos de rock dos anos 80.

Nenhum artista consagrado da música brasileira conseguiu atingir essa marca, mesmo com todo o repertório postado no Youtube. O Tribo da Periferia é, hoje, nome recorrente entre os principais representantes do RAP e hip-hop do Brasil. Até Mano Brown, do Racionais Mcs, já fala sobre a grande importância do grupo brasileiro. Mano Brown diz que seus filhos escutam a música da banda e aponta

“Carro de Malandro” como um fenômeno. Acesse este link e veja o que ele fala: <http://www.youtube.com/watch?v=LMFBKsoDSIs>.

“Carro de Malandro” tem várias postagens na internet. Apenas um clip no youtube atinge sete milhões e meio de acessos (7.595.486). Fora isso, existem mais de dois milhões de comentários para o trabalho desse grupo de Planaltina, que hoje faz sucesso dentro e fora do Brasil. É o maior fenômeno do RAP NACIONAL e só superado, entre artistas brasileiros, por Michel Teló com a música “Ai se eu te pego”. A diferença aqui é que Michel Teló tem por trás de seu trabalho toda a estrutura de marketing de uma grande gravadora e está em todas as emissoras de rádio e TV do país e, quem sabe, do Mundo. O Tribo da Periferia só está na web.

Mas melhor que relacionar fatos é comparar a performance de “Carro de Malandro” na internet com os resultados de grandes artistas.



QUER MAIS COMPARAÇÕES, ENTÃO VEJA:

"Diogo Nogueira" - Deixa eu te amar = 450 mil;
"Ivete Sangalo" - clipe oficial de Acelera Aê = 1,9 milhão;
"O Rappa" - Minha Alma = 2,6 milhões;
"Victor e Leo" - Tem que ser você = 2,6 milhões;
"Calcinha Preta" - Você não vale nada = 6,8 milhões;
"Luan Santana" - Clip oficial da música Sufoco = 7,5 milhões;

AGORA, VEJA OS RAPPERS DE BRASÍLIA:

"Guind' Art 121" - O Bom Malandro = 1,9 milhão de acessos;
"Tropa de Elite" - Opalão 71 = 2,1 milhões de acessos;
"Voz sem Medo" - De herói a bandido = 2,6 milhão de acessos;
"Atitude Feminina" - Rosas = 2,8 milhões de acessos
"Pacificadores" - Eu queria mudar = 8,4 milhões de acessos;
"Tribo da Periferia" - Carro de Malandro = 15 milhões de acessos;



HIP HOP CONTRA O CRACK

O PROJETO

O projeto HIP HOP CONTRA O CRACK promovido pela ONG - Instituto Caminho das Artes, foi idealizado com viés no exercício de um programa de sustentabilidade sócio-cultural voltado ao movimento hip-hop na Capital Federal, tendo como principal objetivo, despertar a atenção do poder público e da mídia local para a capacidade de transformação social do movimento hip-hop no combate a exclusão social e, sobretudo a violência urbana e o uso do crack pela juventude periférica.

A cultura popular é a expressão mais legítima e espontânea de um povo. Por reconhecer sua fundamental importância para a construção de uma identidade nacional que compreenda todas as diversidades é que focamos nossos maiores esforços na materialização desse programa por meio de ações sociais pontuais, para combater o consumo do crack no Distrito Federal, alertando a comunidade sobre as consequências e a responsabilidade coletiva

da sociedade no combate à proliferação das drogas, que hoje, segundo Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que até 3% dos brasileiros sejam usuários do crack – seriam, portanto, seis milhões de viciados.

Como se sabe, Brasília é celeiro de grandes hip hoppers (rapper, Dj/Mc, b.boy e grafiteiros) e a circulação desse movimento no Distrito Federal é referência nacional, com produção de altíssima qualidade, e está repleto de poetas de rua com excelente repertório individual. Entretanto não tem sustentabilidade, é preciso dar oportunidade para que esses profissionais mostrem seu trabalho criativo para o público e a mídia de massa. Portanto, um dos objetivos desse projeto é dar também uma resposta de sustentação a essa criatividade.

O hip-hop é um movimento forte, atraente, de grande potencial para o fortalecimento da multiculturalidade, que segue

abrindo portas para a inovação social e novos nichos de trabalho, muito articulado com as novas tecnologias da Informação e da Comunicação.

Portanto, o corredor cultural proposto neste projeto, além de promover a cena artística da cidade em diálogo com os maiores ícones do RAP NACIONAL, unindo artistas e público em atos públicos, mostrará a toda a população de Brasília a diversidade da cultura de rua, seus ritmos, cores, poemas e sons, provando que, além de sua contribuição intelectual, e de sua capacidade de mobilização, os hip hoppers da Capital trazem perspectivas únicas que necessitam ser levadas em consideração.

O atual Governo Federal tem se valido constantemente dos Arranjos Produtivos Locais (APL) para dar sustentabilidade a pequenos empreendedores e artesãos, que passam a produzir e vender suas mercadorias de forma conjunta. A



novidade que queremos enfocar neste projeto é a aplicação dessa política de associativismo na área da cultura. Afinal, a economia da cultura depende menos do aporte de capital do que da criatividade e pode se transformar em um grande movimento socioeconômico, no Distrito Federal.

Os diretores do Instituto Caminho das Artes, entendem que política se faz com a participação da sociedade, uma vez que o cidadão na sua quadra, no seu trabalho, no lazer, na conversa com os amigos pode perceber com maior nitidez as necessidades do povo e encaminhá-las ao gestor público para que possa atender as demandas de sua competência, oportunizando a comu-

nidade, cada vez mais, a resgatar a sua auto-estima e, especialmente o prazer de viver na cidade que se ama.

Com a concretização do projeto HIP-HOP CONTRA O CRACK, realizado nos moldes planejados, o Instituto Caminho das Artes pretende também assumir o importante papel de colaborador para articulação e fomento da cultura urbana em Brasília, estimulando, sobretudo o desenvolvimento das cadeias produtivas que essa área pode engendrar.

Desta forma, os diretores do Instituto Caminho das Artes pretendem focar toda a experiência profissional e conexões, adquiridas em 32 anos de atuação no mercado do *show business* nacional na re-

alização desse projeto que nas suas entrelinhas significa fazer com que o movimento hip-hop da Capital, tenha visibilidade nacional, sobretudo, condições e liberdade para avançar no desenvolvimento de sua criatividade e de sua sensibilidade.

Um passo consistente nesta direção será injetar o componente estético da cultura urbana na corrente sanguínea do público em geral, sobretudo desenvolver novas ideias e propostas de marketing cultural para criação de uma nova percepção desse movimento, tendo em vista a necessidade de disseminar a reflexão crítica e a união da comunidade hip-hop de Brasília e do Brasil, através da conscientização prática do Quinto Elemento – o conhecimento.

1º Fórum Internacional de Cultura Urbana

Conhecimento. Este é o quinto e decisivo elemento do hip-hop. Para por em prática tudo o que gira em torno deste movimento, em Brasília, a ONG Instituto Caminho das Artes (ICA) promoverá um encontro internacional na capital federal, entre os dias 25 e 29 de junho deste ano. É o 1º Fórum Internacional de Cultura Urbana - O Quinto e Decisivo Elemento do Hip-Hop, que será embasado por palestras, vídeos e oficinas.

“O objetivo é aprofundar e disseminar a reflexão crítica e a união da comunidade hip-hop de Brasília e do Brasil”, explica o produtor Valdemar Cunha. Ele defende que o vigor da cultura hip-hop, orientada pelo viés do conhecimento, é capaz de responder efetivamente aos desafios da violência urbana nos grandes centros do país.

O fórum ocupará o auditório do Museu Nacional de Brasília, na Esplanada dos Ministérios, e visa sensibilizar os hip hoppers, a mídia e gestores públicos para a conscientização coletiva do Quinto Elemento. “A consciência, valor que transmite o sentido social deste movimento estético e político, além de cultural, não deixa de lado os outros elementos do hip-hop, que são o rap, o break, o grafite e os DJ & MCs”, observa Cunha. Ele vai mais fundo: “Queremos injetar o componente estético cultural do verdadeiro hip-hop na corrente sanguínea da opinião pública nacional”.

A compreensão sobre o movimento hip-hop no Brasil ainda é muito vaga. Confunde-se rap com funk, hopper com bandido. Devido a esta lamentável confusão, que o Instituto Caminho das Artes, com a contribuição da academia, e de cientistas políticos, jornalistas, escri-

tores e estudiosos da matéria, promoverão o 1º. FÓRUM INTERNACIONAL DE CULTURA URBANA com foco no Quinto Elemento do Hip-Hop: a Consciência. E, é a ausência deste elemento que faz muitos jovens no mundo inteiro cometer o erro de pensar que drogas, marca famosa estampada no peito como ostentação e arma de fogo fazem parte da Cultura hip-hop.

Apesar de o hip-hop ser um veículo potente de ação pública, principalmente no resgate de valores sociais dos jovens nas periferias, existe ainda muito preconceito. “Por isso é importante trazer essa discussão para o centro do poder, em Brasília, porque o hip-hop é um movimento de todo o país. Nosso foco é na responsabilidade social destes artistas com sua comunidade e seu público”, diz Valdemar Cunha.



Ao mostrar esse comprometimento, o movimento pretende chamar a atenção das autoridades. “Exibir anúncios contra o crack na televisão, nos panfletos, cartazes, out doors, por exemplos, não alcança tanta penetração do que a ação desses artistas em seus discursos em cada show, em cada rua de lazer, em cada oficina de grafismo ou break dance. Neste ambiente, além da ajuda, há um sentimento contínuo de indignação em relação à ausência do Estado, mas há também o desejo da transformação e a celebração da conquista diária de tirar a pedra de crack do caminho dos jovens das periferias brasileiras”, provoca Valdemar Cunha.

Segundo o ICA, lideranças nacionais e internacionais (África, Portugal e Estados Unidos) vão participar do encontro em Brasília para assim ampliar a força de penetração da multiculturalidade no imaginário de Brasília, do Brasil e do Exterior.

O 1º Fórum Internacional de Cultura Urbana quer colocar frente a frente o hip hop consciente, os acadêmicos que investem esta cultura e os agentes públicos responsáveis pelas políticas de inclusão e combate às drogas para discutirem um caminho comum para as ações oficiais contra o avanço da violência urbana no Brasil. “E isso inclui desde a abordagem a um artista de rua por parte da polícia até a identificação de um traficante na porta das escolas. Temos certeza de que a divulgação do movimento hip hop e a participação dos artistas como portadores de uma mensagem positiva ajudarão efetivamente no combate ao crack e outras drogas. E a presença de personagens internacionais dessa luta neste fórum dará visibilidade ainda maior ao conceito do quinto elemento”, alerta o produtor.

É evidente que, no âmbito do movimento hip-hop, contribuir para a construção

da cidadania plena da juventude pobre como um todo, significa em primeiro lugar construí-la internamente, isto é, dentro do movimento com os seus próprios ativistas.

Para isso, o primeiro passo consiste no despertar do movimento hip-hop para a definitiva consolidação do Quinto Elemento é a procura da Consciência, do Conhecimento, da Responsabilidade Socioambiental e da Participação Política na Sociedade, participando de forma inovadora do processo de associativismo cultural.

Valdemar Cunha lembra que o hip-hop não é apenas uma forma de se cantar, dançar, tocar ou grafitar. “É cultura focada na plena consciência dos direitos, deveres e ações de quem “ingressa” nela e nela deseja fazer a diferença face aos problemas no cotidiano das periferias urbanas.”



Rennascer

EM BREVE
NAS LOJAS!



**“DEUS É JUSTO E
APOIA OS INJUSTO
PORQUE ELE É O
AMOR, A DOR E A
RESSURREIÇÃO”**

DJ JEAN

IV ENCONTRO CULTURAL HIP-HOP NO DF

Além do Rennascer RAP DJ Jean também agita o movimento hip-hop no Distrito Federal organizando eventos. Um dos mais importantes será realizado nos dias 12 e 13 de maio e reunirá grandes nomes, entre eles: Rennascer RAP, Tropa de Elite, Provérbio X, Atitude Feminina, 3umsó, Voz Sem Medo, DJ Markinhos (Smurphies), Dj Raffa, GOG, Atitude Feminina, entre outros. Haverá ainda oficinas de graffiti, DJ e break. Durante os dois dias de evento serão feitas as filmagens para o CD e DVD ao vivo do Encontro Cultural Hip-Hop no DF. No sábado (12) o som começa às 18h, já no domingo (13) a partir das 15h.

Entrada franca.

O Rennascer RAP uniu quatro experientes músicos de Brasília. Todos já integraram a formação de outros grupos e agora mesclam suas experiências nesse novo projeto. BA, Samir, Guilherme e DJ Jean continuam com o objetivo de denunciar o sistema e cantar as mazelas da sociedade, mas agora tem uma missão ainda maior, levar a Palavra de Deus para a periferia.

O hip-hop já faz parte da vida de DJ Jean há mais de 19 anos e nesse período ele já lançou outros discos, dentre eles o Grupo Comunicação Racial, mas o trabalho atual é o primeiro de rap gospel. “Nossa cruzada continua sendo contra as injustiças sociais e contra as drogas, ainda pela valorização da cultura negra associada ao combate do racismo, todos os fundamentos precursores da má formação social”, explica DJ Jean

Iniciar um novo projeto é sempre um desafio e para isso DJ Jean uti-

lizou todo o conhecimento que tem sobre o mercado fonográfico, valorizou ideias sadias e relevantes para impactar o público com suas mensagens. “A fundação do grupo Rennascer RAP, foi a busca de um projeto mais tranquilo e consciente para o movimento. O nosso foco principal é levar a palavra de Deus e a consciência, com diversão, para todas as comunidades”. A proposta do grupo é apresentar um trabalho diferenciado e sempre levar a palavra de Deus.

O disco “O Alvo é a Periferia”, está sendo finalizado e tem na produção importantes produtores, como Gibson e Duckjay. A masterização está sendo feita pelo renomado DJ Raffa. “O CD do Rennascer RAP tem um linguajar bem periférico e popular, que é o nosso cotidiano e não podemos fugir dele. E em meio há tantos problemas que surgem no dia a dia dessa grande periferia que é Brasília, o RAP ainda é uma saída da marginalização”, comenta.

COM UNIDADE ATIVA

FABRICANDO RAP DE RESPONSA

Vem aí
coletanea
com o
melhor
do RAP
nacional.
participe !



Contato
(11) 6472-9372 Vivo
(11) 7650-1492 Claro



Contato para Show
(11) 9822-8159 Vivo
aliadothon@hotmail.com



J R R
propaganda & eventos

RK MULTIMÍDIA
QUALIDADE EM PRIMEIRO PLANO



www.comunidadeativa.co.cc



DJ VINIL + MC BB GIGANTE + MC BABI

FLORIPA MCS + PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS

FLORIPA MCS



EVOLUÍU JÁ É!

PRAMENTE PROCORPO PROCORAÇÃO



EM BREVE LANÇAMENTO DO NOVO CD

Com 70 músicas distribuídas em: pra mente, pro corpo e pro coração.

BANG DO CASH
EVOLUÍU JÁ É!

CONTATOS PARA SHOWS
48 96452636 - 92*199119

WWW.FLORIPAMCS.COM.BR

Por onde anda?!

Nesta seção vamos entrevistar personalidades da velha escola que são importantes para a história do RAP NACIONAL e que por algum motivo estão sumidos ou afastados dos holofotes da nossa cultura de rua



Texto Toni C | **Entrevista** Paula Farias

O hip-hop é global e local ao mesmo tempo. Uma prova é a fusão do RAP com a música popular brasileira que consagra Criolo e o aclamado disco “Nó Na Orelha”. Vale a pena conhecer a história e perceber que no ano de 1992 o grupo Potencial 3 já fazia essa mistura. Muito antes de existirem as mixtapes para download e as rinhas de MCs, um cara animava os bailes com rimas de improviso e detém o título de ser o primeiro rapper a gravar um disco solo no Brasil. Assim ficou imortalizado um tal de Pepeu. É por isso que vê-lo dividindo um mesmo palco com Emicida, durante a festa de lançamento da mixtape EMICIDIO, é uma espécie de Déjà vú. Pepeu fez parte da primeira geração de rappers no Brasil, nos tempos de MC Jack, Os Metralhas e JR Brown. Tivemos a honra de entrevistar Pepeu, que junto com MC Mike, gravou em 1985 “O Melo do Bastião”, considerado o primeiro RAP NACIONAL.

O que você anda fazendo?

Pepeu: Sempre tive uma paixão por eletrônica e elétrica e passei

a minha vida inteira envolvido em projetos desse tipo, inclusive nas épocas de shows. Para minha felicidade

desenvolvo projetos de automação, projetos luminotécnicos, controle de acesso e outros.

Márcio Salata
Fotógrafo

(19)9303.4144

<http://www.flickr.com/marciosalata>
<http://www.eternoinverno.blogspot.com>

Renato Tatuagem
Guerrero da Sul
www.renatoquerrerosul.com.br
TATUAGENS ARTÍSTICAS, COLOCAÇÃO DE PIERCINGS COM MATERIAL DE
ÓTIMA QUALIDADE E ESTERILIZADOS NO AUTO-CLAVE, AGULHAS DESCARTÁVEIS
Profissional com anos de experiência
5524-8803 6363-3948
Av. Nossa Senhora de Sabará, 2851
QRKUT: renatofotografierrosul@hotmail.com
FACEBOOK: renatofotografierrosul@hotmail.com
TATUAGEM SÓ PARA MAIORES

2 Como você analisa a década de 80, quando RAP começou no Brasil?

Pepeu - Foi uma época de glória, por não haver tanta estrutura a nossa disposição, tanto na questão de imprensa como em equipamentos eletrônicos também..

3 Sente saudades de estar em evidência, como na década de 80?

Pepeu - De forma alguma, porque não se corre atrás da evidência e sim deve-se executar um bom trabalho que a evidência é certa e observando dessa forma percebo que continuo em evidência, porém diante de outro público. Agora estou em envidência

diante de engenheiros, arquitetos, designers, amigos e clientes de modo em geral.

4 Depois de quase três décadas, como você avalia o RAP NACIONAL?

Pepeu - Caminhando como uma tartaruga com destino a sua apetitosa folha de alface (risos).

5 Você acha que rap tem que ser de protesto ?

Pepeu - O rap é música e música é expressão. Eu particularmente não consigo enxergar o RAP NACIONAL somente como uma bandeira de protesto; até porque em RAP fala-se de amor e isso não é político e social, fala-se de alegria, festa e muito mais.

E não foi dessa forma que surgiu o rap aqui no Brasil? Inclusive num passado não muito distante recebeu até a singela tradução de Ritmo Amor e Poesia.

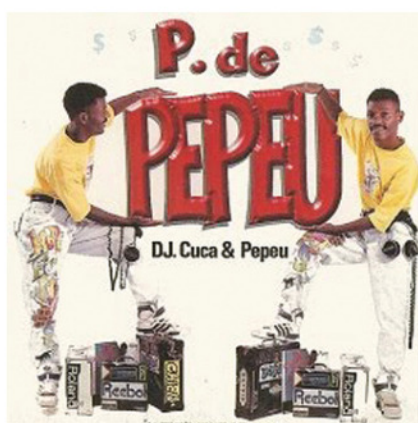
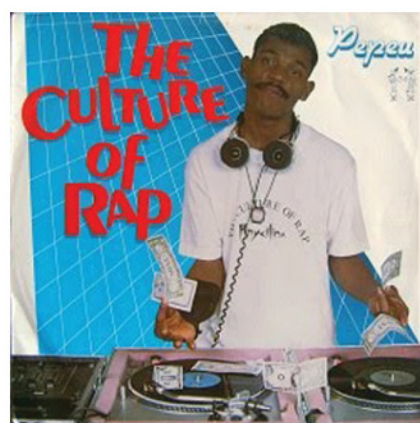
6 Na sua opinião qual a importância das novas ferramentas digitais para o avanço do RAP NACIONAL?

Pepeu - Trampolim para a superação. O RAP tem que fazer uso desses recursos e dar uma virada notável.

7 Salve...

Pepeu - A toda comunidade pobre da Zona Sul (segue o som)...

o rap tem que fazer uso destes recursos e dar uma virada notável certo.



ca.ge.be

apresenta o
novo CD
"O Vilarejo"



Por Cristiane Oliveira
Foto Divulgação

Cada Gênio do Beco: Cezar Sotaque, Shirley Casa Verde e Dj Paulinho, formam o grupo Ca.Ge.Be que há doze anos evidencia o cotidiano em letras de Rap.



O primeiro CD da carreira do grupo foi “Lado Beco”, lançado em 2006, no final de 2011 o Ca.Ge.Be concluiu mais uma obra.

O novo CD trás como título a palavra Vilarejo e sintetiza este termo não só como o espaço físico de uma vila, mas como espaço sentimental, onde emoções se encontram com sonhos, que cruzam os caminhos da amizade e assim sentimentos e sensações se entrelaçam, inventando um novo formato de vida. “O vilarejo é um grande quintal, que acomoda famílias e sentimentos, costumes, hábitos e cultura. As vilas de hoje são imensas, com casas de madeira ou alvenaria ligadas emocionalmente, o que provém do contato direto entre às pessoas”, define Cézar. A música título da obra tem participação de Edi Rock, a produção executiva e artística do disco ficou por conta de KL Jay, já a produção musical é uma mescla de parcerias.

Após cinco anos de amadurecimentos pessoais e musicais surge “O Vilarejo, arquitetado com uma mistura do RAP clássico e contemporâneo. Os temas abordados falam de assuntos variados. Um dos destaques do CD, a música “Oba! Clareou”, pincela a cena atual, onde vemos várias pessoas trabalhando independentes e sendo reconhecidas por isso. Já a sempre polêmica vida das prostitutas, aparece com contornos mais suaves e menos questionadores na música “Maria Madalena”. Ao serem indagados sobre a escolha do tema polêmico, mas que tem sido recorrente no RAP, comenta Cézar. “Precisamos entender todo o contexto histórico da vida da pessoa, opinar é fácil, discriminar mais fácil ainda, as pessoas acham imoral uma mulher pobre se render à prostituição, mas quando uma garota de classe média tira a roupa numa revista

maculina, esta não é vista como prostituta”.

Consenso entre os integrantes do Ca.Ge.Be é a opinião a respeito do pertencimento do RAP à rua e a migração desta cultura a outros espaços. O Ca.Ge.Be, acredita que subir em palcos cobertos de diamantes, plumas e paetês é o reconhecimento de um trabalho, mas nada adiantará se a humildade e o comprometimento não for o mesmo ao levar à mensagem no campinho de terra do bairro onde você começou. “O Rap, ou alguns rappers, têm que se comportado muitas vezes como o filho pródigo, que se esqueceu de voltar para casa, sair para buscar novos horizontes faz parte, mas voltar para casa é necessário, é importante trazer o conhecimento e as novidades para o local de onde você surgiu, estamos na ponta do abismo, qualquer passo em falso pode levar a morte, romper as barreiras do discurso é necessário”, acredita Cezar.

O comprometimento com o social vai além do papel de educar por meio da música, foi por incentivo do RAP que Cézar Sotaque decidiu cursar uma faculdade. Hoje o professor Cézar leciona história em escolas públicas. O grupo também utiliza a sétima arte para introduzir conhecimento e cultura em seu bairro, no Jardim Peri, zona norte de São Paulo. Com o projeto Cine Escadão que rola uma vez por mês a comunidade tem a oportunidade de ter contato com o cinema “Acredito que esta atividade seja muito importante, creio que através disso, essas crianças, esse jovens, serão pessoas diferenciadas, irão conquistar um futuro diferenciado, terão mente aberta para novos caminhos e possibilidades que não o crime e a violência, tão comum nas favelas, nos bairros desfavorecidos cultural e socialmente”, explica o líder do Ca.Ge.Be.

CAÇUBE

A HISTÓRIA

No ano de 2000 quando o Ca.Ge.Be deu seus primeiros passos no RAP, o grupo conheceu uma época onde o movimento hip-hop era essencialmente feito nas ruas, nos becos, favelas e vielas, era ali, a céu aberto em contato direto com o povo, se apresentando em festivais escolares, que a música foi tomando forma na vida dos integrantes.

A primeira música gravada pelo Ca.Ge.Be foi uma participação no som "O começo do fim" do grupo Vírus, com este título talvez você não se lembre, mas o refrão é inesquecível [os loucos tem que tá, onde tá os loucos], lembrou?

Após este trabalho foi a vez de lançarem sua própria música, participaram de um festival da extinta revista Rap Brasil, gravando a música "Preço da Honra", a voz ainda em formação, mas muito segura de Shirley Casa Verde encantou o refrão. "Eu nunca tinha entrado em um estúdio, foi o Ca.Ge.Be que me deu a primeira oportunidade de ter uma música gravada", conta Shirley.

"O hip-hop salvou minha vida", esta frase poderia soar como clichê senão fosse um fato verídico na vida de Shirley Casa Verde, a menina pobre que cresceu em meio ao abandono do pai e a doença psicológica da mãe, se viu

adotada pelo Hip-Hop aos 12 anos de idade. "Eu joguei todos os meus problemas no hip-hop, na época o break foi meu ponto de fuga para esquecer os problemas. Eu dançava todos os dias, ia nas festas, nos postos de gasolina, onde tivesse uma roda de break eu estava lá", muito emocionada a cantora continua contando parte da importância do Hip-Hop para sua vida. "Eu passei fome, comi comida do lixo, o Hip-Hop foi meu equilíbrio, inicialmente dançando, e anos mais tarde cantando, eu posso dizer que o movimento Hip-Hop me abraçou e me sustentou emocionalmente me dando possibilidades de eu ser quem sou hoje", desabafa.



LEIA
ANTES
QUE SEJA
TARDE DEMAIS!

Aprovado pelas
melhores cabeças
do Hip-Hop

www.LiteraRUA.com.br
compre pelo site

O SOM QUE BALANÇA

BRASÍLIA

PANCADA!

smurphies
Disco Club

A SENSÇÃO DE BRASÍLIA



ACESSE NOSSO
NOVO SITE
E CURTA OS
MELHORES
PROGRAMAS
DA SMURPHIES



DJ MARKYNHOS

www.smurphies.com

O Novo Caminho de Edi Rock

Texto Toni C | **Entrevista** Elaine Mafra, Toni C e Mandrake | **Fotos** Márcio Salata
Diagramação e arte Mandrake | **Decupagem** Dj Branco | **Making Of** Marcos Dalua e Vras7

Imagine você crescer ouvindo e admirando um grupo de RAP desde quando eles surgiram.

Imaginou? Agora imagine, depois de mais de duas décadas, você ser convidado para conversar e ouvir em primeira mão o novo disco, de um dos integrantes desse grupo.

Pois foi isso que aconteceu quando fui acompanhado do Mandrake, Elaine Mafra, Márcio Salata e Marcos Da Lua até o estúdio Baguá Records, onde Edi Rock, integrante do Racionais MCs, prepara seu segundo disco solo. Entrevistamos com exclusividade para a revista RAP NACIONAL e fizemos a audição de seu novo trabalho.

Como se tudo isso fosse pouco. Ainda assistimos o videoclipe da música “That’s My Way” e conversamos com o lendário produtor DJ Cuca, que há 25 anos não concedia uma entrevista sobre hip-hop. [leia matéria nas páginas 60 e 61]

Logo chegou Edi Rock no estúdio, tranquilo e atencioso cumprimentou um a um com aperto de mãos. Conversou pausadamente enquanto nos acomodávamos na sala de mixagens, que mais parece a cabine de uma aeronave ultra moderna.

Se define com a palavra “respeito”, é grato ao afirmar que seu professor foi seu pai. Apresenta descrença com a política e admite, já pensou em parar de cantar RAP. Ousado, desafia: “Vou mostrar que é possível ir na TV e não precisar fazer um papel ridículo”. Demonstra gana em utilizar o potencial da internet em seu novo trabalho e diz ter planos para escrever um livro mais adiante.

O disco batizado com o nome “Contra Nôiz Ninguém Será”, tem como carro chefe a elogiada música “That’s My Way”. Mas cuidado! Alertamos: a música, com participação memorável de Seu Jorge, é altamente viciante.

A canção parece perseguir novos caminhos para o RAP NACIONAL: com título e refrão em inglês, videoclipe gravado no Rio de Janeiro e matéria com o making-off exibido no programa Vídeo Show, da TV Globo.

Mas não se iluda, esse não é o maior trunfo de quem não cansa de ser vanguarda. Edi Rock é modesto: “Todo mundo espera um som desses, vindo de mim.”

O que a equipe da Revista RAP NACIONAL não esperava era ver tantas e tão variadas participações e estilos. Na música “Os Regueiros e os Vida

loka” conta com Alexandre, da banda Natirutz, e Falcão, do grupo O Rappa. O que surpreende, ainda é, Edi Rock quando entra no meio de riffs de um reggae maneiro com rimas velozes de tirar o fôlego.

Flora Matos e Rael da Rima, são dois dos talentos que encontramos antes de entrarem em estúdio e gravarem para o disco. Dexter, A Família, Ndee Naldinho, Lakers e Pá, Calado, Dom Pixote, Emicida, Helião, Quintento em Branco e Preto também participam do disco.

Sobre o Racionais MCs proibirem a gravação do show no festival Lollapalooza, realizado em abril na cidade de São Paulo, Edi Rock lamentou: “O grupo são quatro, eu fui voto vencido.”

Quanto aos novos grupos e MC’s que tem surgido o músico se mostra antenado: “Emicida, Projota, Rashid, Rapa-dura... Eu ouço todos” e acrescenta: “Os moleques de hoje não estão falando besteiras”.

Diz que cada integrante do grupo deve preparar um trabalho solo, mas tranquiliza os fãs: “As músicas para o Racionais já estão guardadas”.

Com você a voz forte da norte E.D.I. R.O.C.K., apresenta: “Contra Nôiz Ninguém Será”.





Se você fosse um fã do Racionais, fã do Edi Rock, qual seria a primeira pergunta que você faria para o Edi Rock?

Edi Rock: Eu perguntaria por que ele demora tanto para gravar, por que faz tanto tempo assim? **[E qual a resposta?]** Sou lento demais! Só funciona assim, devagar, esse é meu processo de trampo. Acho que o Racionais também tem um processo meio lento. Faço questão de fazer um som com muito cuidado, dedicação, e carinho, pois a música não é só o som, a pista, a audição, é sentimento, entendeu? Então, não é da noite para o dia, as músicas são pensadas, cronometradas, arquitetadas, bem projetadas.

2 Como foi o processo de produção da música com seu Jorge, “That’s My Way” Como surgiu a ideia?

Edi Rock: Foi uma das primeiras que comecei. Não dá para calcular tempo porque fico três, quatro anos sem gravar e vou juntando samplers, ideias e acontecimentos. Nós falamos em cima do dia a dia, da verdade.

Sem contar que eu me inspiro não só em música brasileira, mas em americana também. O processo é minucioso, eu faço a letra, depois arrumo umas dez, vinte vezes até ficar do jeito que eu quero. Tem que me satisfazer primeiro, para depois satisfazer os outros. Tenho que estar feliz com a música que eu faço.

Essa música tinha uma versão mais simples, com arranjos “chupados” de um som gringo, feito pelo Duck Jam, e o Nego Jam cantava comigo. Eu trouxe esse som para o Cuca sem pretensão nenhuma e pedi para ele dar um grau. O Cuca acabou fazendo uma outra versão. Ele não consegue pegar a música de um cara e colocar um bumbo e uma caixa, ele prefere mudar toda. Todos os instrumentos tocaram diferente, ele chamou um guitarrista, um cara para tocar violão e piano e eu cantei de novo.

3 E como o Seu Jorge entrou nessa música?

Edi Rock: Estávamos trocando uma ideia e alguém falou: “Pô, o Nego Jam vai fazer esse refrão de novo. Outra

versão e a mesma pessoa?” Assim surgiu no assunto a ideia do Seu Jorge. Nem foi ideia minha, foi da banca. Então eu fui procurá-lo, porque ele é parceiro do Brown, do Racionais, a gente já se conhece há alguns anos. Eu consegui chegar nele através de uma mina que trabalha conosco, a Mariana Bergel, ela trabalhou muito tempo com Seu Jorge. Eu precisava falar com ele para saber se ele colocava voz no meu som. Estava faltando só isso. Porque a música já é, todo mundo já espera um som desse vindo de mim, só que precisava ter alguma coisa diferente. Uma surpresa agradável. E por que não Seu Jorge?

Eu troquei ideia com ele e ele aceitou de primeira, falou: “Porra mano, demoro, tamo junto. A hora que você quiser tô chegando aí”. Marcamos o dia e ele veio. Escrevemos o refrão na hora. Fizemos as rimas, criamos juntos e aí expliquei para ele qual o caminho que estava pensando para aquela música, tipo uma história nossa de superação. Ele começou cantando em inglês, “That’s My Way” e eu achei louco, mas ele falou que não tinha nada haver, que estava só



balbuciando. Mas mesmo assim eu achei louco, achei que ia ficar diferente. Afinal, somos brasileiros, mas hoje estamos globalizados. Então, por que não cantar em inglês? É uma língua universal e senão souber inglês fudeu. Em viagens, se você sabe inglês tá suave em qualquer lugar que você vá. Inglês todo mundo fala. E por que não “That’s My Way”? Aí ele continuou, eu falei, agora traduz: “That’s My Way”, esse é meu caminho.

Eu quis deixar o nome da música “That’s My Way” porque ficou tão bom e ele (Seu Jorge) trouxe um peso tão grande para a música, um peso que eu acredito que vai influenciar no RAP. Por isso quis fazer uma homenagem, além de eu ser fã e aconteceu tudo natural, sem forçar barra nenhuma.

4 E o que podemos esperar do clipe dessa música?

Edi Rock: O roteiro foi escrito por Rabú Gonzáles. Ele é um diretor novo e nós acreditamos no trabalho dele, tem gana, visão. Eu gostei das ideias porque ele já foi cantor de RAP, sente a música, ele não só ouve, mas

conhece como escrever, vive aquilo que o RAP fala. Então tudo se deu por isso, estar próximo, ser do RAP e ter feito o roteiro. Eu gostei e aprovei. Arrumei só alguns detalhes. É muito bom quando as coisas fluem assim, cada um na sua função e fazendo bem. Fomos para o Rio de Janeiro onde ele conhece e é amigo de vários atores, principalmente do “Nós do Morro”, que é original do Morro do Vidigal. Até por isso que foi feito lá no Vidigal, que é uma locação bonita, tem boa fotografia e tudo mais. Foi praticamente filmado inteiro lá.

As quebradas de São Paulo são legais também. Mas porque não ir para o Rio de Janeiro? O Rio é nosso! Assim como eu tenho vontade de fazer em Salvador, Florianópolis, Brasília. A terra é nossa. Acho que precisa ter essa interação, essa troca. Gosto demais do Rio de Janeiro, gosto do Sul, do Nordeste. Vivemos momentos felizes nesses lugares, foi assim que aconteceu.

Os caras fizeram de tudo para o clipe ficar excelente. Contrataram a melhor equipe, as melhores câmeras. Foi tudo

rodado em dois dias. O primeiro foi a pauleira mesmo, das 10h da manhã às 2h da madrugada. No clipe o Seu Jorge é um líder comunitário que foi assassinado por policiais e o ator Darlan Cunha interpreta o filho dele. Nesse dia vai acontecer um show e o rapaz sai chamando a galera para ir. Ele divulga de mão em mão na quebrada, na praia e depois volta para o morro onde acontecem várias coisas. No final do clipe tem um show meu. Seu Jorge aparece como um espírito protegendo o filho. Eu gostei, está bem legal e a imagem está show.

5 Como você vê a cena atual do RAP?

Edi Rock: O RAP teve um breck, aconteceu uma lacuna, um parênteses. Eu vejo dessa forma, vamos ver o que vai acontecer. Eu também parei, mas a gente sempre está fazendo música com os outros grupos para o RAP não parar. Independente do Racionais ter música nova ou estar gravando CD novo, nós estamos sempre jogando sementes aqui e ali.

Nesses dez anos nunca paramos de fazer

show, sempre estávamos nas quebradas cantando. O que aconteceu nesse tempo que o Racionais parou foi que surgiu a onda do funk, e veio muito forte, porque o RAP deixou isso acontecer, o RAP deu uma caída por ele mesmo. Não sei te explicar qual o motivo disso, mas eu sei que a culpa é do próprio RAP. Nós falamos, nós cantamos, fazemos o som, mas muitas vezes somos chatos demais e não percebemos isso. O funk tomou conta por que ele é alegre, contagiante e as pessoas não param de dançar quando ouvem uma batida. E é coisa de sangue, de brasileiro, e se for mais a fundo isso vem da África. Gostamos de dançar, somos alegres mesmo com miséria, tristeza e pobreza. Gostamos de nos divertir, de esquecer os problemas nas baladas bebendo e fazendo o que você acha que pode fazer. O funk mostrou isso e é um estilo musical que é da periferia, do morro, é de tribo também. Não precisa falar que é de preto, porque não é mais. É universal, é nossa música brasileira, é de quem quiser dançar e está aí, as portas estão abertas para todo mundo se divertir.

O RAP parou e o funk entrou porque enchia todas as casas. O RAP estava chato. Começamos a cantar nas festas de funk. Eu fiz vários shows em festas de funk e surgiram vários MCs novos. Sem contar o Catra que já é miliano. Tem vários amigos nossos que são do funk e ouvem muito mais RAP do que imaginamos. Eles se inspiram muito no RAP, no Racionais. É lógico que o cara vai falar de putaria, a própria realidade é uma putaria. Então ele fala disso porque não é segredo para ninguém o que acontece nos bastidores, na noite é normal, sendo na terra que vivemos. O carnaval, Deus me livre e guarde (risos).

Deu esse tempo, abriu esse parênteses, eu achei muito bom, falei: "Pô, uma

//

Nesses dez anos nunca paramos de fazer show, sempre estávamos nas quebradas cantando. O que aconteceu nesse tempo que o Racionais parou foi que surgiu a onda do funk, e veio muito forte, porque o RAP deixou isso acontecer, o rap deu uma caída por ele mesmo

//

outra opção, *diferença*". Vários não gostaram, odiaram. Eu achei bom, porque abriu mais um campo para as pessoas trabalharem e mostrarem seu talento de uma outra forma e estão mostrando que é música também.

Começamos a cantar nas festas de funk e surgiu a ideia de um empresário, que é dono da Black Bom Bom, de fazer "Mano Brown e Convidados". Ficou o Brown como convidado fixo e o Don Pixote assumiu como MC da noite. Os caras da Black Bom Bom gravaram o CD do Don Pixote, então ficou tudo em casa. E eu acho que foi nesse momento que começou a surgir novamente uma força mais presente no RAP. Em vários outros lugares da cidade nunca pararam as rinhas de MCs, baladinhas de quebrada, no centro da cidade, nas periferias. Show de rua sempre teve, mas às vezes não

é bem divulgado. Nesses anos todos eu sempre fiz, o Brown sempre fez, mas, a que mais aparecia era a festa da Black Bom Bom, por ser central, por ter fácil acesso e ter sido divulgada muito bem. Eu acho que aí deu um empurrão, não sei se é ressurgimento, mas para a volta do RAP no centro, na noite.

No meio desse tumulto, todos estão pensando na sua carreira, fazendo suas letras, seus RAPs. O tempo mudou. A internet só aumentou, a tecnologia avançou muito, aconteceram muitas coisas nesses dez anos. E aí, aos poucos, você vai entendendo e se ajustando a atualidade. Mandou alguma coisa o pessoal já curte no Twitter, dez, 100 mil seguidores. Pô, é isso mesmo, a máquina mudou e agora o RAP está voltando e sabendo mexer. Acho que estamos conseguindo...



6 Você é uma pessoa antenada com internet, com tecnologia?

Edi Rock: Eu acompanho, mas não sou fissurado, eu prefiro mesmo fazer som. Aprendemos a mexer com pessoas iguais a vocês do Portal RAP NACIONAL, que também estão trabalhando com isso e aprimorando. Faz parte da máquina, é um elo da corrente que junta com o outro, uma engrenagem. Acho que foi bom ter esse tempo, acontecer essa baixa para o RAP voltar mais forte e atual.

Os moleques de hoje estão mandando muito bem. Tem muitos que não prestam atenção e falam que os moleques são modinha, mas eles não são modinha. Eles falam muita coisa. Cresceram ouvindo Racionais e os outros grupos de rap, fizeram uma peneira, viram o que era bom para eles e encontraram seus

caminhos. Aconteceu isso comigo e é natural acontecer com todos.

Eu ouço RAP gringo, funk, samba e até forró, porque é a cultura musical da minha família. Eu cresci ouvindo música, lá em casa minha família é festeira, nordestina, minha mãe gosta de samba e forró, então já acordava de manhã com meu pai ouvindo Zé Bettio para ir trabalhar.

7 No som do seu carro o que toca?

Edi Rock: Dessa molecada ouço quase tudo para estar antenado. Eu vejo que tem muita música boa. Essa leva agora de Emicida para cá, Projota, Rashid, ouço todos, e do Pernambuco o Rapadura. Mas não deixo de ouvir os clássicos do meu tempo, da minha escola. Não que os moleques não sejam,

mais ouço meus parceiros também, o MV Bill, o Dexter, Realidade Cruel e essa família toda aí. Essa linha que eu gosto.

8 Você acredita que há diferença entre RAP gangsta e RAP undergroun. Ainda existe esse muro?

Edi Rock: Não, eu acho que é RAP. A música é RAP e o cara fala o que ele quiser. Tem um RAP mais suave, com uma batida mais tranquila, não tão agressiva, pesada e lenta. Eles se preocupam em fazer as pessoas dançarem, curtirem e não serem tão contundentes, mas não perdem a essência. Vários dos moleques de hoje não estão falando besteira, eles sempre citam alguma coisa de raça, de preconceito, de polícia, de discriminação.

9 Você acha que eles são discriminados no RAP?

Edi Rock: Todos nós somos [Dentro do movimento?] Por mim não! Acho que deve ter alguém que tem preconceito, mas todo mundo é preconceituoso. Você acha que dentro do RAP não ia ter? A mente ainda está em evolução constante, o RAP precisa evoluir muito. Vários estão mostrando como é, a molecada não é obrigada a fazer igual, fazem diferente. Tem que ter coragem e fazer, só não pode se arrepender. Pelo menos você tentou, tem que fazer a diferença, independente de como você faça, indo na Globo ou não.

Muitos não vão na Globo pelo fato de carregar bandeira. Outros não estão nem aí e vão, mostram o trampo e fazem muito bem, representam. Eu acho da hora, se tiver oportunidade tem que ir mesmo, é porta que se abre.

10 E você hoje iria na Globo?

Edi Rock: Não sei. Eu acho que tem que ser alguma coisa que tenha a minha cara, que tenha a

ver comigo, com respeito a música e respeito ao RAP.

I No programa “Esquenta”, da Regina Casé, você iria?

Edi Rock: Nada contra, mas não sou muito fã. Eu conheço ela, mas não curto. O formato do Altas Horas, acho bem legal.

12 O Vídeo-Show, da rede Globo, fez uma matéria sobre o videoclipe, onde

o Seu Jorge e o Darlan Cunha falam. Por que você não falou?

Edi Rock: Foi uma posição, porque seria um choque. Acho que precisa ir aos poucos. Tem que ser no lugar e na hora certa, O Jô Soares, por exemplo, eu não gosto, acho ele antipático. O Faustão é um outro programa que eu não iria, e assim por diante.

13 Como foi a participação do Racionais no

Festival Lollapalooza?

Edi Rock: Bem louco, representamos! É um outro tipo de público, que não está acostumado a ir no dia a dia. Então quem estava ali foi para assistir o Racionais. O público gostou e cantou todas as músicas.

14 E por que o Racionais não concordou que o show fosse transmitido ao vivo pelo canal Multishow?

Edi Rock: O grupo são quatro e eu fui voto vencido. Dois falaram não, o outro falou então e só eu falei: “Já estamos aqui, por que não passar?”. Teve um monte de gente que queria ver mas não queria ir no show, ou não tinha dinheiro, ou estava distante. Eu vi comentários

na página do site de pessoas que se sentiram frustradas, eu me coloco no lugar dos caras e falo: “Caralho meu, que merda, que bando de filhos da puta”. É normal xingar, mas vindo do Racionais é de se esperar. **[Mais tem alguma justificativa?]** É porque tem um preço. Talvez se tivessem conversado em valores poderia ter sido liberado. Se fosse só eu teria concordado. Eles não iam comercializar, só passar ao vivo e se quisessem passar de novo teriam que pedir minha autorização. Ia passar ao

“

Os moleques de hoje estão mandando muito bem. Tem muitos que não prestam atenção e falam que os moleques são modinha, mas eles não são modinha...

“

vivo e depois ter esse material guardado.

15 Em que fase está seu disco?

Edi Rock: Final. Faltam duas faixas, estou escrevendo e gravando ao mesmo tempo. Falta uma com o Dexter e uma que estou fazendo com a Marina de La Riva, uma música meio latina.

16 E quais são as outras participações?

Edi Rock: A Sandra de Sá participa numa faixa. Tem um reggae pesadão com o Alexandre do Natiruts e o Falcão do Rappa. Tem Crônica e Demis Preto, do grupo A Família, Ndee Naldinho, Lakers e Pá, esses são meus amigos do dia a dia que vão colar nos

shows. O Calado do U-Time, Don Pixote, Túlio Deck, Thig, André Atila, Emicida, Flora Matos, Rael da Rima. Ice Blue, KL Jay, Mano Brown, Helião, Sandrão, o pessoal do Samba, entre outros.

O disco terá 12 faixas e algumas bônus, fica pronto ainda esse mês, já era para estar pronto, mas, por conta das participações que estamos gravando, coloco na rua no mês de maio.

17 E a produção está por conta de quem?

Edi Rock: Quem assina o disco é o Dj Cuca, sempre vai passar pela mão dele. Tudo que eu peço ele produz, a direção é minha, mas ele é produtor nato, essa do Seu Jorge surpreendeu.

18 Ele (Dj Cuca) produziu o primeiro CD do Racionais, como é reencontrar uma pessoa

com que você já trabalhou no passado?

Edi Rock: A realidade é que o mundo é pequeno e dá voltas. Quando eu conheci o meu sócio e parceiro, Jairo Andrade, ele falou assim: “Pô, estou com o Cuca, estou fechando com ele” e eu não acreditei. Esta acontecendo tudo certo, porque tem quer ser. Essa fase vai ser com ele, amanhã ou depois, não sei, é outra pessoa, e assim vai.

19 Você ainda está com estúdio, continua produzindo?

Edi Rock: Eu parei de produzir porque eu queria me concentrar no disco. Não dava para fazer as duas coisas. A maioria

das músicas que eu tenho já são velhas, eu que fiz a “Tá na Chuva”, por exemplo. Só que ela não estava pronta. Pensei na música para mim e guardo a ideia até encontrar alguém que desenvolva o final que eu quero. Vou voltar a produzir, mas agora não. É legal e tudo, mas eu estou meio desatualizado, preciso fazer tudo de novo. Fiquei tanto dentro do estúdio que não estava aguentando mais.

20 Tem alguma história da sua vida nesse novo disco?

Edi Rock: Todas são, no disco do Racionais tem uma que eu fiz para o meu pai. As músicas do Racionais já estão guardadas. Eu fiz tanta música e ainda tô fazendo que vai sobrar e logo sairão outros tramos. Finalizando esse disco vou entrar de cabeça no do Racionais.

21 E quando você senta para escrever uma música, você já pensa se ela será direcionada para o Racionais ou para o seu solo?

Edi Rock: A coisa não é tão fácil não. Algumas músicas soam estranho, diferente demais para ser do Racionais. Tem um ragga que canta Flora Matos, Rael da Rima, e eu. No Racionais um ragga ou reggae as pessoas podem achar estranho. Esperam outra coisa do Racionais, uma música pesada, mais politizada. É essa visão que as pessoas têm, que eu tenho quando

começo a escrever.

Imagino o enredo da música, se for mais sisuda é a cara do Racionais. Outras meio moderninhas, diferentes demais, eu já acho que não entra no Racionais. Acontece dessa forma, têm músicas que são bem pessoais, diferentes. Eu arisco muito, eu acho que no Racionais não pode arriscar tanto.

22 Você acha que arriscando mais, você fica mais solto para produzir e o resultado final é melhor?

Edi Rock: É, porque me satisfaz! Dá aquela sensação depois de ter feito esporte, fico feliz da vida. Penso: “Nossa que bom, dá hora. Essa música está muito monstra, gostosa, linda, tesão demais.”

23 De onde vem a inspiração para escrever?

Edi Rock: De tudo! Eu penso muito na minha família, no passado, presente e futuro. Essa é minha base, a família, os amigos, e o bem que eu quero para eles e mal que eu não quero. Por isso eu falo: “Porra, eu não gostaria que acontecesse isso com fulano que está vendendo uma parada na biqueira ou está roubando e vai em cana ou é morto”. Assim surgem as letras.

24 Você é um cara bem família? Fora do rap, como que você é no dia a dia, você tem filho? Você acompanha?

Edi Rock: Eu faço o possível e acho que represento. Não tenho muito tempo, é show, correria, estúdio, entrevista, mas eu consigo administrar.

25 Dizem que se perguntar por você a resposta vai ser sempre a mesma: humildade e



Sandra de Sá, Alexandre (Nativus), Falcão (Rappa), Crônica e Dênis Preto (A Família), Ndee Naldinho, Lakers e Pá, Calado (U-Time), Don Pixote, Emerica, Ice Blue, KL Jay, Mano Brown, Helião e Sandrão (RZO), Thig, André Atila, Túlio Deck, Dexter, Rael da Rima e Flora Matos são algumas das participações do disco de Edi Rock, "Contra Nôiz Ninguém Será"



excelência. Como você se define?

Edi Rock: Eu nunca sei me definir porque estou sempre aprendendo. Não tem como definir a minha pessoa. Eu quero o bem do próximo e respeito isso. Vou falar que eu sou o que? O bom, o melhor, o homem, o cara? Não sou nada disso. O cara está no céu e aqui a gente está de passagem. Estamos aprendendo aqui no mundo de ilusão. Tudo vai ficar aqui, o que soma é o que você fez pelo próximo. Eu penso no respeito, só isso e mais nada. Respeito em primeiro lugar.

26 “That’s My Way, é o fim da linha, o fim do caminho, tem uma parte que fala do arco-íris. Você se considera perto do fim ou um recomeço?

Edi Rock: Perto do fim, recomeço não, eu já estou com 42 anos. Eu vou pra onde? No meu caso vou pensar em outras coisas e não em cantar.

27 Você já pensa em parar?

Edi Rock: Não, mas eu acho que é um curso natural e eu espero ele chegar. Enquanto isso eu estou tramando, mais daqui para frente é o fim, não é o começo. Pode ser o começo de uma outra vida, outra caminhada e eu vou pensar no que vou fazer, mas ainda não chegou. Estou trilhando o final, eu quero fazer esse fim em grande estilo. Ainda tem Racionais, mais 20 anos pela frente de loucura nossa. Mas não é um recomeço não, é o final.

28 Mas não dá uma sensação de recomeço toda vez que você lança um novo trabalho? Encarar o papel em branco, pensar em como vai ser

o disco?

Edi Rock: Eu estou tentando fazer uma caminhada diferente do que a gente sempre fez. Quero mostrar que é possível ir na TV e não precisar fazer um papel ridículo, por exemplo. Usar internet como ferramenta, seguir por esse novo caminho e fazer bem aquilo que amo.

Esse pode ser considerado um recomeço. Estou trilhando um novo caminho, o Racionais jamais ia fazer o que estou fazendo, essas correrias,

“ O disco terá 12 faixas e algumas bônus, fica pronto ainda esse mês, já era para estar pronto, mas, por conta das participações que estamos gravando, coloco na rua no mês de maio

30 Quando você fala que tem esse pensamento diferente do Racionais, em questão a postura na mídia, você sempre teve esse pensamento diferente ou isso foi uma coisa que amadureceu com o tempo?

Edi Rock: O problema do Racionais é que são quatro integrantes, quatro sócios, quatro palavras. Por conta disso é difícil chegar ao consenso, geram muitos debates. Muitas vezes eu não gosto de debater. Acho que você tem que aproveitar a oportunidade na hora certa e já era. Debates tudo, no meu trampo solo não preciso disso, vou e faço. Se eu tomar na cabeça eu vou responder, e não o grupo. É lógico que eu tenho toda uma escola do Racionais, eu não sou bobo, eu aprendi, eu tenho uma visão que é do Racionais também. Só que eu tenho a minha própria visão, além da do Racionais.

“ **31** O CD do Racionais não saiu ainda por causa desses debates?

Edi Rock: O CD do Racionais não saiu ainda porque as músicas não estão prontas. O que veio agora são as músicas que nós fizemos e que não cabem no disco do Racionais.

Por exemplo, as músicas que o Brown está fazendo é uma fase dele. Todos nós gostamos de disco, eu também gosto. Nossa escola é funk, disco. Só que os fãs do rap de hoje não aprenderam a gostar. Não viveram essa época, por isso estranham. Dessas minhas músicas, têm muitas que eram para o Racionais, mas como o CD ainda está longe, eu vou lançar agora porque senão vão ficar antigas e no CD do Racionais virão só inéditas.

29 Então da pra dizer que são as duas coisas, você está mais próximo do fim mas também é um recomeço?

Edi Rock: Mostrando um novo caminho é isso, mostrando outras possibilidades.



32 **Está longe? quando sai?**
Edi Rock: No máximo em mais alguns meses. Tem que fechar esse disco. O do Brown está quase pronto, vem num pique bem disco funk e têm algumas participações. O Ice Blue e o Kl Jay também estão fazendo cada um o seu. Cada um de nós vai sair com um CD, o do Racionais eu não sei se é esse ano ainda, por isso eu falo, em alguns meses.

33 **Você tá ligado que “That’s My Way” já é considerada a música do ano?**

Edi Rock: Nesse caso eu não quis arriscar muito. Vim com a fórmula que é minha cara, que o pessoal espera de mim. Foi por isso que já

veio essa música para mostrar que não estamos mortos, estamos vivos. Eu respeito quem gosta desse tipo de som e curte o estilo que eu faço. Mas fiquem sabendo que têm outros tipos de músicas no CD.

34 **O que “That’s My Way” significa pra você?**

Edi Rock: Não tenho palavras, ela representa essa minha nova fase, meu disco todo, minha vida, esses dez anos que eu fiquei sem mostrar n e n h u m a composição. Eu só

estava curtindo, indo nas festas, vendo o que estava pegando. Isso tudo está no disco. Dez anos estudando,

Problemas, isso todo mundo têm. É normal. Tem época que você não consegue fazer nada e fica um ano sem sem escrever. Você trava, por isso que demora. Você espera uma inspiração e a inspiração às vezes vem e numa noite você escreve dois sons. Faz um clássico! Às vezes você fica um ano sem escrever nada, é um bagulho espiritual. É preciso estar bem com você. Às vezes a pessoa passa por um problema, um bagulho pesado, e aquilo te dá ânimo para seguir em frente. Eu passo por isso direto.



35 Como vai se chamar o disco?

Edi Rock: “Contra Nôiz Ninguém Será”. É meio Racionais. Está vendo? É escola, não tem como fugir. Eu não tenho palavras para o disco. Para mim é tudo, é minha vida. A música resume um pouco da minha vida, uma fase da minha biografia. Esse é um momento muito foda. Me dá orgulho.

36 Esse é o melhor trabalho que você já fez?

Edi Rock: Não, já tiveram outros. Para mim esse é um bom trabalho e eu estou muito feliz com ele. O “Mágico de OZ”, “Sobrevivendo no Inferno”, “Nada Como Um Dia Após o Outro”, foram foda. Isso resume um pouco. Você pensa que não pode cometer o erro, aí passa outro disco e você faz um bagulho e fala: “Putá eu errei de novo. Não vou mais fazer isso”.

37 E o que você errou e corrigiu agora?

Edi Rock: É coisa de perfeccionista. Detalhes no vocal, batida, produção. Muitas músicas do disco passado eu que fiz e não deixei outros produtores se envolverem. Agora não, eu abri um pouco a mente e disse: “Vamos ver qual que é”. Fiz uns teste e gostei. O outro disco eu assinei mais a produção das minhas músicas, agora vejo que não é assim. Eu não sou produtor, tem caras que manjam mais do que eu e são músicos mesmo. Tem que chamar os caras para fazer, chamar o melhor guitarrista, pianista, sopro, para ficar bem feito. Tem que ser uma obra-prima, dar o seu melhor, por isso demora.

38 Todos os outros três integrantes do Racionais definem você como professor. Você se vê assim?

Edi Rock: Não, isso aí é elogio de parceiros. O Brown já rimava muito antes de mim, quando nos conhecemos as letras dele já eram nervosas, já falavam dos problemas das quebradas, eu estava arroz com feijão.

39 E rola rivalidade, disputa, mesmo que sadia?

Edi Rock: Não, mesmo porque eu nunca vou conseguir fazer música como ele e ele também não consegue fazer música como eu faço. Eu curto as músicas dele para caralho e ele curte as minhas.

40 E quando vocês fazem juntos, o que acontece?

Edi Rock: É o Racionais, por isso que o Racionais junto é muito foda. Uni a minha força com a dele, a do Ice Blue e Kl Jay. Essas forças juntas é como se fossem duas metades de um anel, que juntos ativam o poder, como nos desenhos animados. Coisa de Deus!

41 E quem que foi o seu professor?

Edi Rock: Meu professor foi meu pai, a única pessoa que me ensinou alguma coisa no sentido da vida, de respeito pelas pessoas. Alguns amigos, por exemplo o Kleber (DJ Kl Jay), falam que eu ensinei eles. No RAP, um cara que me ensinou foi o Betão, que eu conheci nos bailes e hoje toca na Black Bom Bom. Betão me ensinou a fazer mixagem e eu passei esse



“ O CD do Racionais não saiu ainda porque as músicas não estão prontas. O que veio agora são as músicas que nós fizemos e que não cabem no disco do Racionais



conhecimento para o Kleber. A MPC foi o Zé Gonzáles que me ensinou, passou o básico, na época era novidade, eram poucos que tinham acesso. Hoje todo mundo tem, graças a Deus.

42 Em algum momento você pensou em parar, em se afastar?

Edi Rock: Já! A gente sempre pensa e têm horas que algumas coisas interferem em sua vida pessoal e você quer ter paz, ser feliz. O RAP não é só música, só palco, é o dia a dia também. E isso se mistura e acaba virando uma coisa só. Você não consegue separar, não tem como dividir palco, disco, trampo, da vida pessoal. Não dá para entrar em casa, fingir que tudo acabou e ir descansar. Se você tiver problemas eles vão lhe seguir. É nessas horas que dá vontade de largar tudo.

43 Que tipo de problemas o RAP lhe causou?

Edi Rock: Problemas que todo mundo têm, mas é preciso saber lidar. Porque eu quis ser quem eu sou, então tenho que arcar com as consequências. Às vezes não conseguimos e a primeira coisa se pensa é parar com aquilo que está trazendo os problemas.

44 E hoje você já consegue lidar melhor com isso?

Edi Rock: Não, acho que ninguém consegue lidar com isso, se a gente soubesse lidar com os problemas não éramos desse mundo. Estamos aqui para aprender a viver, a lidar com as outras pessoas. Porque os problemas são as outras pessoas, é quem está ao nosso redor. Têm horas que a gente precisa pensar dessa forma, falar: "Putá mano, deixa esse cara pra lá, deixa essa mina pra lá". Toda hora tem alguma coisa, porque é o mesmo universo que a gente vive, musical e familiar.

45 Você gravou uma música com o título em inglês e videoclipe no Rio de Janeiro. É uma maneira de mostrar que você quer novos caminhos?

Edi Rock: É isso! O próximo pode ser em Salvador, que eu acho linda, várias praias, várias quebradas. Por que tem que ser só em favela? O Brasil é muito lindo. Temos muita coisa para viver e falar. Não só barraco e esgoto. Por isso que eu quero mostrar vários lugares. Não só lugares bonitos, mas a realidade também. A realidade todo

mundo já conhece, os lugares bonitos também, mas em menor proporção, quantas pessoas você conhece que já foram para Salvador? O que são do Sul e tem condições para conhecer o Rio de Janeiro? Conheço um pessoal que nunca pisou no Rio, conhece através da Globo, das novelas.

46 Qual é o sentido da vida para você?

Edi Rock: Sentido da vida para mim é fazer o bem, respeitar o próximo. É aprendizado, evolução.





47 Tem uma parte da música que você diz assim: “Revolução se aproxima, se prepare”. Quais são nossas armas hoje?

Edi Rock: Várias armas, a tecnologia é a principal delas e precisamos usá-la a nosso favor. A mídia, a música, sua mente, seu corpo, são outras armas. Nós somos armas ambulantes, oferecendo perigo ou não para o outro. Se eu quiser posso te matar com um copo, agora. É fácil! Nós

somos arma. A missão é fazer com que isso seja usado a nosso favor. Nossas armas não são revólveres, não é isso que eu falo, é lógico que tem um duplo sentido, cada um na sua função. Falo sempre dessa forma, olhe cada um independente do que você faça.

Conspirar para que aconteçam coisas boas, nem que você tenha que sair da vida do crime, mas que você faça por onde vencer. Se continuar no crime, tem que converter isso em coisa boa.

FOTOS DESTA PÁGINA: MARCOS DALUA



48 Você apoiou o Aliado G, Nuno Mendes, Anderson 4P, quando eles foram candidatos. O que você acha do RAP ocupar esse espaço político?

Edi Rock: Acho que o RAP tem que cantar rap mesmo, não tem que ocupar esses espaços. Temos que ter representantes que ocupem os espaços de confiança na política. Mas política é corrompida, é difícil você ser político porque você tem que ter mais pessoas nossas envolvidas, senão estará sempre remando contra a maré, sendo um grão de areia na praia. Ou você faz o jogo e o cara te dá alguma coisa, ou sempre estará recebendo um não na cara.

É difícil, eu vejo a política como corrompida, podre, falida. Olhe a educação, temos uma educação das piores do mundo. E a saúde é uma vergonha. A culpa é de quem?

É da política, porque o país é rico, dinheiro tem, mas até chegar lá já caiu em várias contas. Até os médicos roubam, diretor de hospital desvia medicação e tudo mais. É uma tristeza.

49 Já passou pela sua cabeça produzir alguma coisa com banda, tocar, fazer show com banda? (Pergunta enviada por Zé Brown, de Pernambuco)

Edi Rock: Sim, esse disco vai ter show com banda. Terão três formatos, simples, mediano e com banda, que é legal porque dá para improvisar bastante, fica diferente.

50 O que mudou dos Racionais desde o Sobrevivendo no Inferno? (Pergunta enviada por



White Jay, do Rio Grande do Sul)

Edi Rock: Só acrescentou, vivemos mais, conhecemos coisas novas e evoluímos junto com o tempo, junto com o que esta aí.

51 O que você acha desse movimento do Sarau, de literatura, do pessoal estar reescrevendo a própria história? (Pergunta enviada por Renan, do grupo Inquérito)

Edi Rock: Lindo! Estão certíssimos. Um dia eu também quero escrever um livro. Mas não agora, mais para frente quando eu tiver mais coisas para falar. Vai se chamar "Dias de Paz", vou falar sobre minha vida e a visão que tenho sobre os acontecimentos. "Dias de Paz" porque é difícil ter um dia de paz. Felicidade não existe, existem momentos felizes, e entre os dias de paz acontecem várias merdas. O livro não será muito grande para não ficar muito chato.

52 Daqui a 100 anos o que irão falar da sua geração?

Edi Rock: Vão falar: "Obrigado, fizeram bem feito". Os caras vão agradecer, porque estamos desbravando mata, não é brincadeira. Os moleques de hoje já sabem disso, esta muito mais fácil. Na nossa época, o que a gente fazia... Deixa quieto... Não vou nem falar do passado, nem precisa. Enfretamos muita dificuldade, preconceito e discriminação. Foi parecido com o samba em outra época. Lá na frente, o mínimo é respeito. Nós respeitamos James Brown, o Thaide que já se fudeu para caralho. No começo mesmo, tocavam em pick-up de madeira, microfone zuado. Hoje tem microfone sem fio para tudo que é lado, casa boa, show bom, muitos fãs. Antes RAP era coisa de bandido, de vagabundo, hoje RAP é uma música.



Naquela época você ia na Ordem dos Músicos do Brasil (OMB) e não tinha classificação para RAP e DJ. Hoje tem e DJ já é profissão. Tem que agradecer aos caras que desbravaram a mata no passado. Não baixaram a cabeça, nem desistiram. Porque desistir é fácil.

53 "That's My Way", qual o seu caminho?

Edi Rock: O meu caminho? São tantos... Eu penso em fazer tanta coisa. Meu caminho é muita coisa, meu caminho é a vida, viver e deixar viver; isso é uma frase do Racionais. Tá vendo, de novo, Racionais é minha escola.



Apoie este projeto e seja visto
por milhares de pessoas

revista@rapnacional.com.br

(47) 3046-6156 | (47)7811.3497 | 92*199119



MC MARECHAL:

UMA MENSAGEM, UMA MÚSICA, UM SÓ CAMINHO

ELE CITA NIETZSCHE (FILÓSOFO), ESTUDA PIANO E CANTA RAP, NÃO NECESSARIAMENTE NESTA ORDEM, ASSIM É O RAPPER RODRIGO VIEIRA, 31 ANOS, O MC MARECHAL

Por Cristiane Oliveira | Foto Divulgação e Marcio Salata

Ao som de uma escaleta (instrumento musical de sopro) começou a entrevista com o MC, a musicalidade e a poesia contida na vida do artista é algo latente, percebido, por meio de sua música, pelas suas postagens no twitter e também em seu show, “Eu sou bem fiel ao nome Ritmo e Poesia, gosto muito de trabalhar este lado, leio muito, tenho muito apreço por poetas como Sérgio Vaz, acho legal manter a poesia viva, pois ela me inspira”, comenta.

Marechal usa o RAP como meio para a transmissão de suas ideias e crenças, trás tatuada na pele a frase “Um só caminho”, significado de uma filosofia de vida, que traduz um sentimento intrínseco “Um só caminho, parte do meu interior, não é uma marca, não é uma simples frase, também não é só uma tatuagem, vai além”, explica.

O MC já protagonizou batalhas ferrenhas com outro rapper do cenário nacional, mas, o que se vê hoje é uma evolução em seu modo de pen-

sar, o que refletiu positivamente em sua música, e seu talento é canalizado em letras que levam conhecimento.

“Meu objetivo é fazer música e não ficar milionário, a música vem primeiro”, esta é a colocação feita por Marechal quando questionado sobre o formato que virá seu primeiro álbum. Com ideias a frente de seu tempo ele fala sobre uma maneira ainda incomum de venda musical, “Se dependesse de mim, eu disponibilizaria o álbum apenas na internet para que as pessoas contribuíssem financeiramente com valores espontâneos, eu preferia gastar menos em termos físicos e continuar fazendo música sempre, até ecologicamente falando seria interessante, mas isso é uma adaptação, vamos ver como

será o futuro”, argumenta.

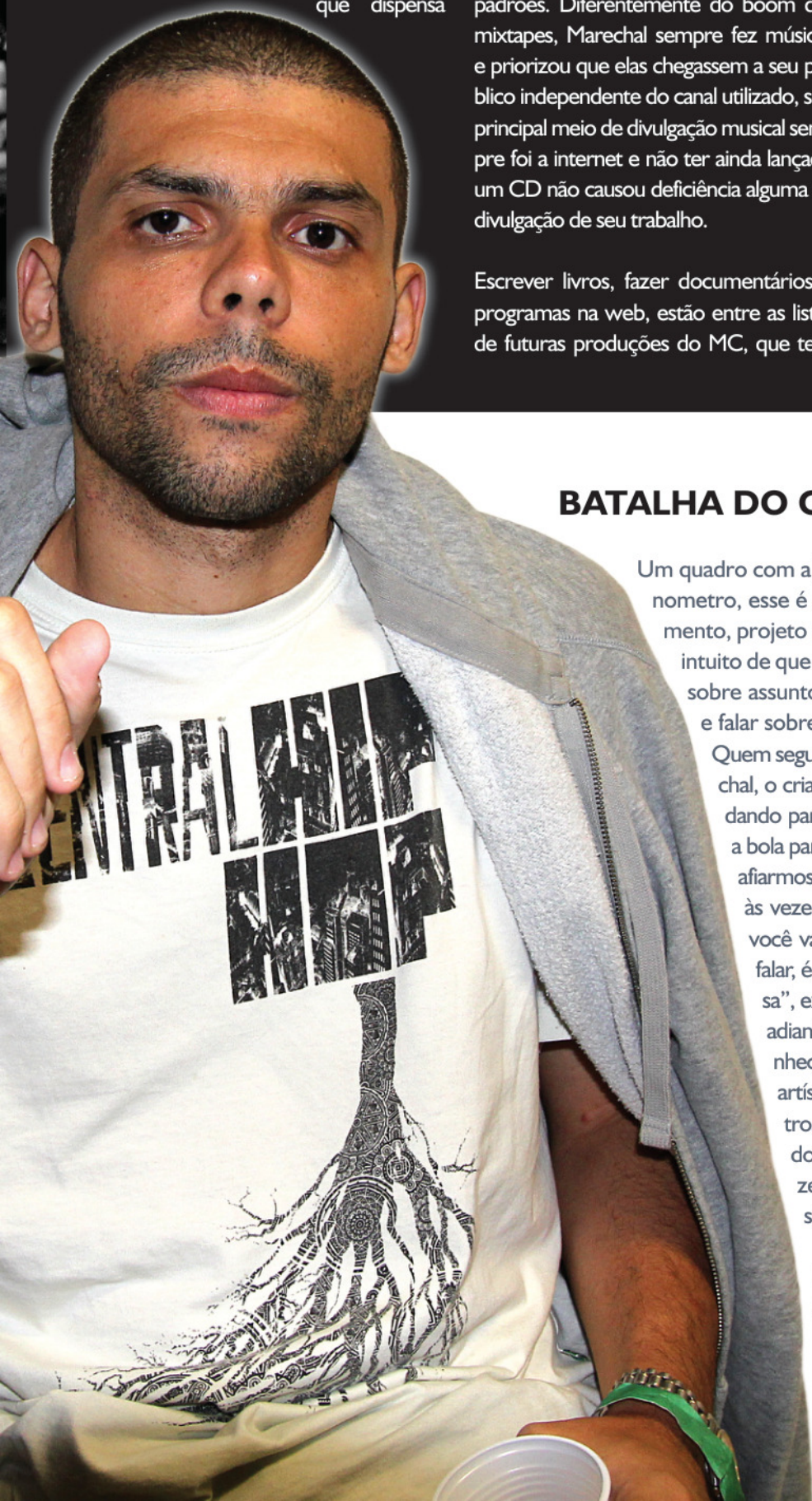
Seu primeiro álbum, “Vamos voltar à realidade”, tem previsão para ser lançado em agosto, virá com algumas participações, entre elas, Hyldon, conhecido cantor de Soul Music e Nelson Sargento, que dispensa

apresentações, recheado de sons de violinos, pianos e instrumentos de percussão africano, seu primeiro CD trará diversas experimentações sonoras.

Mais que cantar o que vive, o objetivo é viver o que canta, sem preocupar-se com padrões. Diferentemente do boom das mixtapes, Marechal sempre fez músicas e priorizou que elas chegassem a seu público independente do canal utilizado, seu principal meio de divulgação musical sempre foi a internet e não ter ainda lançado um CD não causou deficiência alguma na divulgação de seu trabalho.

Escrever livros, fazer documentários e programas na web, estão entre as listas de futuras produções do MC, que tem

um desejo insaciável de passar adiante todo aprendizado adquirido ao longo de seus 31 anos de vida, mas, além destes meios de comunicação, Marechal não dispensa um bom bate-papo “Public Enemy me influenciou, e eles diziam-se a CNN dos negros e acho que somos porta-vozes de muita coisa que acontece, vejo meus sons como música de mensagem, procuro sempre passar informações, histórias do cotidiano, às vezes as pessoas usam o conhecimento para coisas ruins, eu prefiro expandir tudo que eu aprendi e aprendo, fui salvo pelo conhecimento, fui instruído pelo autoconhecimento à partir de livros, e estudos de psicologia, eu procuro passar isso para frente, divulgando da minha forma”, diz.



BATALHA DO CONHECIMENTO

Um quadro com algumas palavras, três microfones e um cronometro, esse é o cenário principal da Batalha do Conhecimento, projeto que visa uma disputa entre dois MCs com o intuito de que eles se digladiem não com ofensas ou rimas sobre assuntos clichês, mas que possam afiar as mentes e falar sobre temas escolhidos pelo público.

Quem segura o terceiro microfone nesta disputa é Marechal, o criador da batalha, que ocupa o lugar de Juiz cuidando para que as regras sejam cumpridas e passando a bola para o público na hora da decisão final. “Quando afiarmos as mentes, poderemos evoluir, falar demais às vezes deixa as pessoas sem ouvir, pensar no que você vai falar e ter um critério para o que você vai falar, é o que realmente vai revolucionar alguma coisa”, explica Marechal, que pretende levar o projeto adiante, o desejo do rapper é que a Batalha do Conhecimento vire um núcleo de formação cultural e artística, com cursos de filosofia, música, entre outros, que possam mostrar um caminho diferente do padrão predeterminado pela sociedade, fazer com que arte e cultura juntas mostrem possibilidades para as pessoas se alto descobrirem.

Mais do trabalho de MC Marechal no twitter: @mcmarechal ou pelo email: umsocaminho@gmail.com

MARKONE: 16 anos de rabiscos pelas ruas e pelas peles de todo o mundo

Por Elaine Mafra | Fotos Divulgação

Talento, sensibilidade e autenticidade são algumas características do graffiteiro e tatuador Markone. A paixão pelo graffiti surgiu na vida desse Corinthians no ano de 1995 e desde então sua marca passou a ser reconhecida nas ruas cinzas da capital paulista. O talento do jovem graffiteiro conquistava todos que tinham a oportunidade de apreciar seus traços e isso fez com que alguns amigos quisessem ter as obras de Markone como marca indelével na pele. Depois de uma certa resistência, Markone se rendeu a arte da tattoo. “Em 2001 eu vi os trabalhos do Mr. Cartoon e decide que era isso mesmo que eu queria fazer. Mas foi muito espontâneo, até porque tinha o Maroni e o Chivitz que já eram respeitados e eles me apadrinharam”. Marone e Chivitz, formam junto com Markone, a Neurose Urbana Crew.

Markone não trocou as latas de spray por máquinas de tatto, ele concilia as duas artes até hoje. No ano passado participou do projeto Museu Aberto de Arte Urbana (MAAU), em São Paulo/SP. Os traços

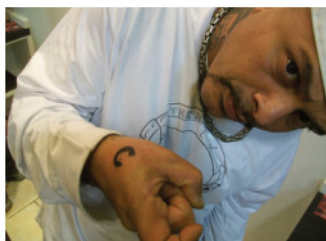
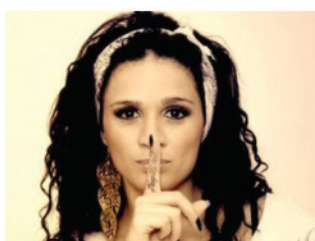
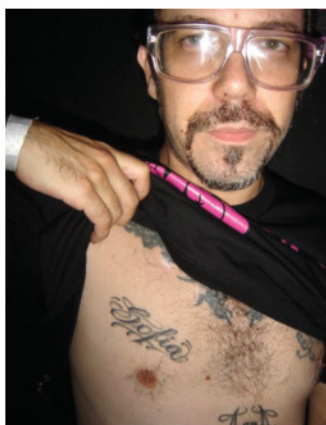
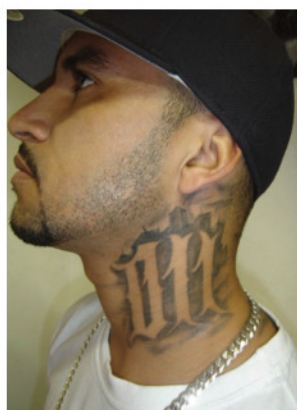
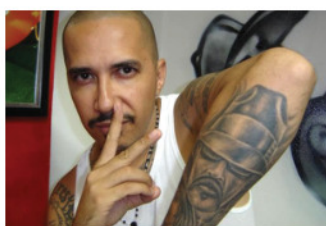
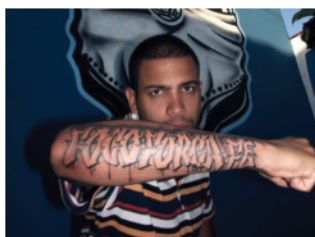
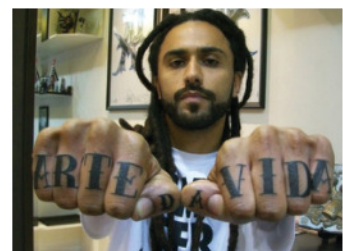
de Markone se tornaram tão inconfundíveis que entre os 66 painéis pintados nas pilastras de sustentação do metrô é possível descobrir através do estilo qual foi feito por Markone. Também no ano de 2011 representou o Brasil num projeto da Puma onde criou desenhos para uma coleção 100% latino americana. O talento de Markone não tem fronteiras e seus traços transitam livremente por vários países. “A arte já me levou para muito longe, já fui para Chile, Argentina, Espanha, Panamá e muitos outros lugares”, comenta Markone que já está com as malas-prontas para sua próxima viagem que será ainda no mês de maio para o Hawaí, EUA.

A música é companheira indispensável em todos os momentos de Markone e ele chega a dizer que tudo que faz 50% vem da música. “Preciso de música para exercer minha arte, seja graffiti ou tatto, tenho que tá ouvindo música”. No playlist de Markone é possível encontrar Criolo e Emicida, mas ele não abre mão de lembrar suas origens. “A minha formação como pessoa, como profissional, como amante do hip-hop é Thaide & Dj Hum. Escutei muito Thaide, GOG, Câmbio Negro, Racionais. Mas o que eu mais curti mesmo era Thaide & Dj Hum”.





Por fazer parte e viver no dia a cultura hip-hop os traços de Markone caíram no gosto de integrantes do movimento. Muitas personalidades já passaram por seu estúdio, entre eles Marcelo D2, Dimenó (Alvos da Lei), Fex Bandolero, Jan King, Grand DRR, Eazy Kaos, Projota, Xis, X-Barão, Rhossi (Pavilhão 9), Emicida, Dj Zegon, Mandrake, Cabal, Rashid, W YO (RPW), Sandrão (RZO), Rael da Rima, Nathy MC, Msário (Pentágono), Correria e inclusive Thaíde, que foi trilha sonora de grande parte da vida de Markone e hoje carrega no braço direito uma obra de arte feita por ele.





Livre Acesso Gang é um projeto dos artistas Robbie Ice, Finha e Markone, com o intuito de elaborar pinturas que utilizam o corpo feminino como suporte para a arte do graffiti

Graffiti feito na pilastra de sustentação do metrô em SP, durante a MAAU



TAT200: Markone no ano de 2011 representou o Brasil em projeto da Puma onde criou desenhos para uma coleção 100% latino americana



O jeito simples de receber seus clientes, que em sua maioria se tornam amigos, os detalhes na decoração do estúdio, a organização e limpeza que revelam até um lado perfeccionista, fazem com que a experiência de fazer uma tattoo com ele seja um momento tranquilo e muito agradável. Mais do que belos desenhos quem o procura quer ter o orgulho de dizer: "Eu tenho uma tattoo feita por Markone" e esse reconhecimento é fruto de anos de trabalhos feitos com o coração e de uma grande humildade.





New Website

www.markone.com.br



(11) 9817.0220
SÃO PAULO - BRASIL

Hip-Hop

em movimento

comunicação e desenvolvimento

Por Elaine Mafra | Fotos Mandrake e Elaine Mafra

As raízes do hip-hop estão nas ruas e não é a toa que no Brasil os primeiros passos foram dados em frente a uma estação de metrô de São Paulo, a conhecida São Bento. Muitos anos se passaram mas a ligação com a rua continua tão forte como antes. A diferença é que agora o hip-hop domina também outros espaços e esse é o caso da Mostra Hip-Hop em Movimento, realizada há quatro anos em Salvador/BA, durante a programação do VIVADANÇA Festival Internacional.

A Mostra Hip-Hop em Movimento é coordenada por DJ Branco (foto) e mescla os quatro-elementos do hip-hop. Há também uma batalha de break, na modalidade 2x2. Esse ano a batalha foi aberta para b.boys e b.girls de todo o país e 64 duplas se inscreveram. Quem levou o troféu de 1º lugar e um prêmio de R\$ 2000,00 foi a dupla Junin e Kiko, de Alagoas. “Estamos sempre rodando o nordeste para participar de batalhas, mas essa do Vivadança é diferente por ser num teatro e ainda ter uma premiação em dinheiro”, destaca Kiko. A Mostra Hip-Hop em Movimento deste ano teve ainda uma mesa redonda com o tema “Hip-Hop Comunicação e Desenvolvimento”, oficinas de break, graffiti e DJ. O rap marcou presença no brilhante show apresentando por Rapadura.

A história do teatro Vila Velha, ou simplesmente o Vila, se mistura com a história de contestação da cultura brasileira. Fundado no ano de 1964, em plena Ditadura Militar, o Vila já albergou movimentos sociais e as lutas estudantis na década de 70. Com esse histórico, não haveria lugar melhor para o hip-hop mostrar que através da dança, da música e das artes plásticas que continua engajado e que seus elementos se mantêm unidos por um mesmo ideal.



O jurado (de azul), levanda a mão da dupla vencedora a esquerda e a direita a dupla que ficou com o segundo lugar



O hip-hop adentrou as portas do Vila, um dos mais conceituados teatros da Bahia, através da iniciativa de Cristina Castro, diretora artística, que em parceria com DJ Branco, coordenador da Mostra, viabilizou o projeto. DJ Branco é um respeitado militante do movimento hip-hop na Bahia e além de coordenar o Hip-Hop em Movimento desenvolve diversas outras atividades como o programa de rádio “Evolução Hip-Hop” que vai ao ar todos os sábados, às 17h na 107.5 Educadora FM. Branco também coordena o CMA HipHop - Comunicação, Militância e Atitude – que é um núcleo de comunicação alternativa e produção cultural, criado em 2005, com o objetivo de potencializar a comunicação do Movimento Hip-Hop e do Movimento Negro/Social.



Cristina Castro é a organizadora geral do Vivadança

Rapadura, Mia Lopes, Mandrake, Dj Branco e Hot Black, debateram sobre a comunicação do Hip-Hop

DJ BRANCO

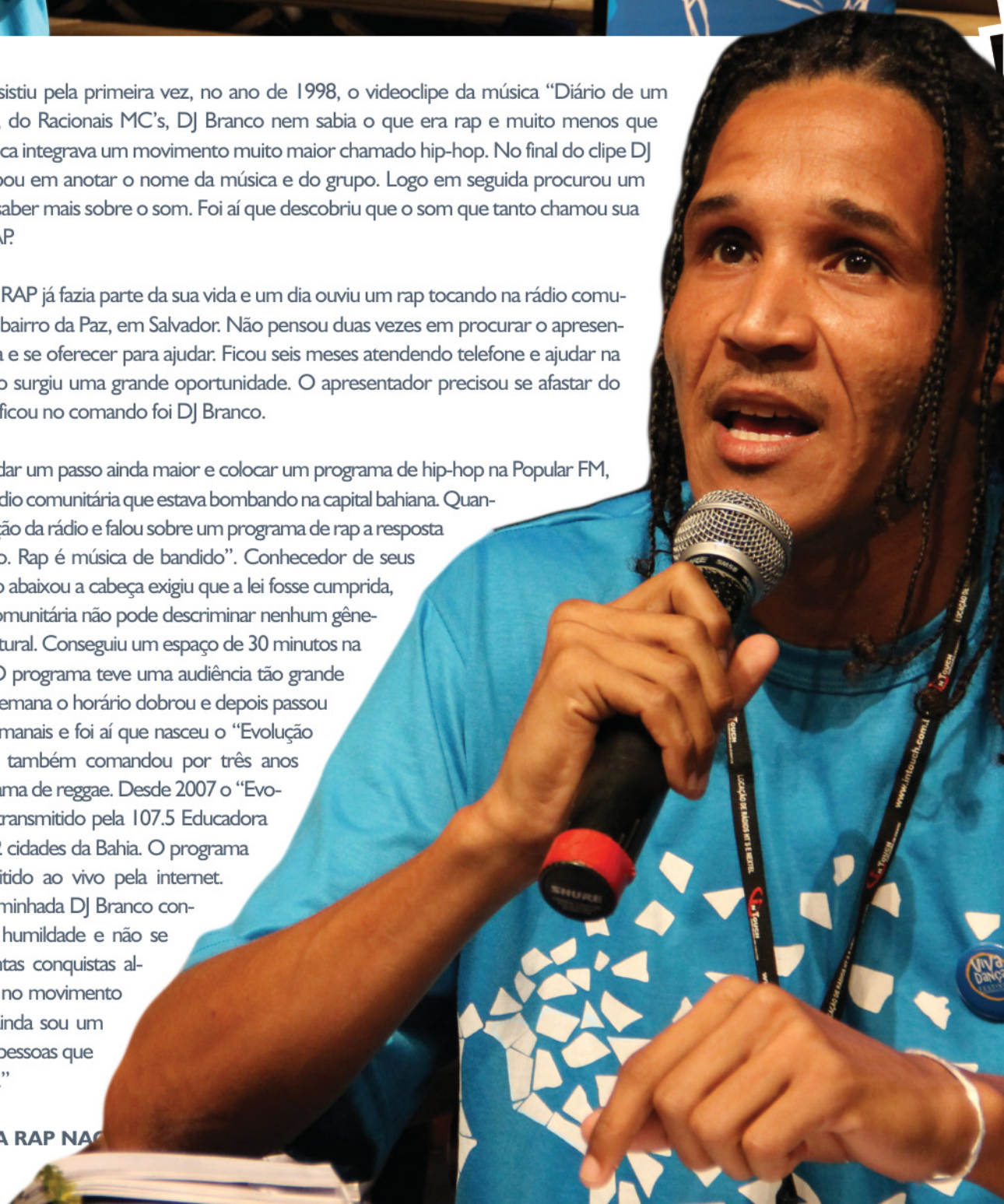
Tudo começou com
"Diário de um detento"...



Quando assistiu pela primeira vez, no ano de 1998, o videoclipe da música "Diário de um detento", do Racionais MC's, DJ Branco nem sabia o que era rap e muito menos que essa música integrava um movimento muito maior chamado hip-hop. No final do clipe DJ Branco se preocupou em anotar o nome da música e do grupo. Logo em seguida procurou um amigo para tentar saber mais sobre o som. Foi aí que descobriu que o som que tanto chamou sua atenção era um RAP.

Três anos depois o RAP já fazia parte da sua vida e um dia ouviu um rap tocando na rádio comunitária Avançar, do bairro da Paz, em Salvador. Não pensou duas vezes em procurar o apresentador do programa e se oferecer para ajudar. Ficou seis meses atendendo telefone e ajudar na técnica. Foi quando surgiu uma grande oportunidade. O apresentador precisou se afastar do programa e quem ficou no comando foi DJ Branco.

Em 2003 resolveu dar um passo ainda maior e colocar um programa de hip-hop na Popular FM, uma emissora de rádio comunitária que estava bombando na capital bahiana. Quando procurou a direção da rádio e falou sobre um programa de rap a resposta foi categórica: "Não. Rap é música de bandido". Conhecedor de seus direitos, Branco não abaixou a cabeça exigiu que a lei fosse cumprida, já que uma rádio comunitária não pode discriminar nenhum gênero musical, nem cultural. Conseguiu um espaço de 30 minutos na primeira semana. O programa teve uma audiência tão grande que já na segunda semana o horário dobrou e depois passou a ter duas horas semanais e foi aí que nasceu o "Evolução Hip-Hop". Branco também comandou por três anos também um programa de reggae. Desde 2007 o "Evolução Hip-Hop" é transmitido pela 107.5 Educadora FM que abrange 42 cidades da Bahia. O programa também é transmitido ao vivo pela internet. Apesar da longa caminhada DJ Branco conserva uma grande humildade e não se envaldece com tantas conquistas alcançadas. "Eu hoje no movimento hip-hop da Bahia ainda sou um bebê. Porque tem pessoas que chegaram primeiro."





Dj Cuca faz as pazes com

Para quem está começando agora e não conhece muito da história do RAP NACIONAL pode desconhecer o nome de Dj Cuca. Até porque ele ficou 20 anos afastado do RAP, sem produzir e nem falar sobre o assunto. Essa entrevista concedida a Revista Rap Nacional foi a primeira em mais de duas décadas. Cuca é um DJ super premiado, foi bi-campeão no DMC Brasil, três vezes ganhou o sul americano e ficou em oitavo no mundo. Já fez remixes para Lauryn Hill, Shaggy, Wyclef Jean e Toni Braxton, entre outros. Mas a maior contribuição de Cuca para a história é o fato de ter produzido o primeiro rap do Brasil, com Pepeu e Mike. Produziu também a primeira do Racionais, do RZO, de Dexter e quase todos dessa primeira geração. Vale a pena ler essa entrevista e conhecer mais sobre a história do RAP no Brasil.

Por Toni C | Foto Marcio Salata

Como foi o começo de tudo?

Dj Cuca: Comecei aos 14 anos tocando nas matinês, nas festas de aniversário. Depois vieram os campeonatos e ganhei dois DMC no Brasil e três sul-americanos. Na produção comecei com o Pepeu, que foi o carro chefe, o primeiro do RAP NACIONAL foi Pepeu e Mike, com a música do Bastião.

Como surgiu a oportunidade de gravar o primeiro RAP no Brasil?

Dj Cuca: Porque eu conhecia o falecido Dj Gregão e ele prestava alguns trabalhos para a Soni Music e como ele não tinha base de RAP e eu já tocava nos blacks, fazia os scratch, participava de campeonatos... Dai ele acho que eu era o cara para produzir e me chamou.

Foi a primeira coisa que você produziu?

Dj Cuca: Sim, foi o primeiro trabalho.

Então foi o primeiro disco de rap e foi o primeiro seu também?

Dj Cuca: Isso. Eu era um DJ de performance e me chamaram para produzir. E desse disco surgiram os outros. Teve aquele da Chic Show, que foi "O Som das Ruas".

Foi esse que saiu o Racionais separado? Quando o Edi Rock e Kl Jay eram um grupo e o Mano Brown e o Ice Blue formavam outro grupo?

Dj Cuca: Esse mesmo! Também tinha os Metralhas, que hoje é o Lino Crizz, e Ndee

Naldinho. A partir daí eu produzi o solo do Naldinho. Depois teve DMN e Thaíde que eu também produzi. Aquela leva toda da época 90% fui eu que produzi.

E o que você queria ter produzido e não produziu?

Dj Cuca: Acho que não tem nada, porque tudo passou na minha mão.

E porque você parou de produzir rap?

Dj Cuca: O rap era meio desorganizado e eu enchi o saco. Casei, vendi tudo e fiquei um ano sem fazer nada, para ver o que eu queria fazer. Eu fazia muito show e essas produções de rap eu parei porque os caras eram muito cansaíra... Muita dor de cabeça... Era uma coisa que eu gostava, o rap sempre esteve no meu sangue para produzir, mas eu parei tudo e comecei a produzir pop.

E quando você começou a produzir pop, você produziu quem?

Dj Cuca: Comecei a produzir Kid Abelha, depois veio Vinny e Kelly Key. Começaram a vir muitos remixes. 90% dos remixes dos artistas nacionais eu que fazia. E depois começaram a vir as encomendas internacionais. Fiz Lauren Hill, Celine Dion, Tony Braxton, Shaggy, Inner Circle e vários outros artistas internacionais. Isso por conta da bagagem dos nacionais que tocavam muito em rádio, daí os caras de fora falavam: "Pô, esse é o cara para fazer nossas músicas no Brasil". E o Brasil era um mercado que estava muito em expansão, vendia muito... Naquela época não era tão difícil

vender 3 milhões de cópias. Tanto é que a Kelly Key vendeu oficialmente 1 milhão e 500 mil cópias no primeiro, já o segundo vendeu 700 mil. Hoje se vender 40 mil o cara já está soltando rojão. O mercado mudou muito... Eu trabalhei muito no pop porque sou eclético. Não é porque comecei no rap, porque gostava de rap, que eu tinha que ser vinculado ao rap. E os caras do rap não entendiam isso.

Você foi desprezado pelo rap?

Dj Cuca: Não fui. Na verdade, naquela época, eu que desprezei porque eu tive essa escolha. Graças a Deus eu tive esse privilégio de escolher. Mas os caras me respeitaram, tanto é que hoje quando eles me encontram, bati referência, porque eles sabem que fui uma referência no meio deles. Tanto é que está voltando tudo, estou fazendo o Edi, o Helião, o Dexter. Eu é que produzi a primeira faixa do Dexter quando ele era outro nome, não era nem Dexter ainda. Também produzi a primeira do RZO e do Racionais.

O que aconteceu para resgatar você ao RAP?

Dj Cuca: A minha volta ao RAP foi através do CD do Túlio Deck, em 2005. Na verdade foi bem engraçado, porque o irmão do Túlio, o Jairo que é hoje é o dono da Baguá Records, veio aqui no estúdio para conversar sobre a produção, mas veio com o pé meio atrás, porque ele gostava de Wu Tang, Racionais, só os pesados... Foi a mãe dele que falou para vir a São Paulo e produzir com um tal de Cuca porque ele fez Kelly Key, Latino, Kid Abelha. Os caras

o RAP BRASILEIRO

desacreditaram porque acharam que eu tinha feito só os pops. Mas quando eles vieram aqui e viram tudo que eu tinha feito, desde Pepeu, Thaíde, DMN, foi aí que eles falaram: "Putz, é esse cara aí". E rolou muito bem, tanto é que o disco do Túlio vendeu 80 mil cópias, foi tema de novela, ele entrou no mercado e através disso fizemos uma parceria. O Jairo montou esse selo, que é a Baguá Records, porque ele é fã de rap mesmo, no sangue. Ele é de Goiânia e gosta muito de rap. Ele falou: "Putz, eu tenho que fazer alguma coisa por esse movimento, algo mais profissional". Porque o RAP nunca foi profissional, nunca teve essa linguagem grande como é nos Estados Unidos. Hoje ele está tentando colocar em prática com esse disco do Edi Rock. O segundo disco do Túlio também está quase pronto, tem várias participações também.

11 Nesse período que você ficou afastado das produções, continuou ouvir RAP NACIONAL?

Dj Cuca: Nacional eu não ouvia nada, só internacional.

12 Então você não acompanhou o que estava acontecendo aqui?

Dj Cuca: Na verdade foi criado um bode com o rap nacional?

13 Um bode?

Dj Cuca: Um bode é de saco cheio.. Foi mais pelas letras, pelo sistema de trabalho e não com o rap em si. Tanto é que o relacionamento que eu tenho com os caras não mudou nada. Era pelo movimento, porque a engrenagem não andava. Antigamente você se matava para fazer uma produção e o disco vendia mil cópias e os caras faziam mil cópias chorando. Não é como hoje que você tem uma gama

maior de trabalho, dá para você lançar produtos, lançar downloads, vídeos. Eu não conseguia ouvir o rap por causa das letras, o rap era muito chato. Ninguém queria ouvir rap porque falava que era música de maloqueiro. Porque as letras era só para baixo astral, depressiva.

14 Durante esse período você tem falado sobre o rap? Você já deu outra entrevista falando de rap?

Dj Cuca: Não... Essa é a primeira.

15 É a primeira enquanto tempo? **Dj Cuca:** Uns 25 anos que eu não falo de rap para entrevista

nenhuma. Essa quebra de paradigma foi através do CD do Túlio, foi um divisor de águas. Nesse disco além da produção eu dei uma força para arrumar gravadora, dei todo o caminho das pedras, acompanhei ele nos shows. Lapidei ele no que tinha que fazer. Então foi muito bom, porque era o momento e o movimento que eu gostava. Mas desse jeito, bem trabalhado e não fazendo de qualquer jeito e empurrando com a barriga. Tem que ter uma estratégia de mercado.

16 Você sente um déjà vu por estar gravando os mesmos caras de antigamente?

Muito... E esse resgate do passado foi muito bom por isso. Eu saí do meio sem nenhum rabicho, Eu saí igual o Felipão, por cima... Os caras é que falam: "Pô, abandonou o RAP". Mas se eu não tivesse abandonado, eu não teria esse estúdio, não teria o nome que eu tenho, não teria feito as produções que eu fiz.





HOT BLACK ESTREIA

Por Elaine Mafra | Foto Divulgação

O Estação Periferia estreia na grade da programação nacional da Tv Brasil no próximo semestre. A primeira temporada terá 19 programas e temas que são pertinentes a todas as periferias do Brasil. Propor um diálogo entre as pessoas para mostrar que os seres humanos são mais pa-

recidos do que diferentes é um dos objetivos do programa.

“O lado humano que o abordamos é justamente para mostrar que as periferias estão conectadas através de sensações e projetos paralelos”, destaca o apresentador e militante do hip-hop Hot Black.

A experiência de Hot Black em frente as câmeras começou em 2007 com o programa Periferia, que é transmitido semanalmente na TV Aperipê, a tevê pública de Sergipe. Devido ao conteúdo, o programa foi escolhido para integrar também a programação nacional da Tv Brasil. Hot Black é um dos precursores neste segmento, já que quando iniciou o Periferia, a cinco anos atrás, o único programa de hip-hop que existia na tevê era

o Hip Hop Sul, veiculado pela TV Educativa do Rio Grande do Sul. “Quando a TV Brasil mostrou o Periferia impulsionou outros programas. Naquela época não existia o Manos e Minas, nem o Aglomerado, nem o Emicida na MTV”, relembra. Também em 2007 Hot Black assumiu o comando de um programa na rádio Aperipê, onde hoje é diretor da emissora.

Nessa nova fase o Periferia se transformou em Estação Periferia e rompeu as fronteiras de Sergipe. Nos seis primeiros programas foram gravadas cenas também na Bahia, Recife, São Paulo e Brasília. A ideia de transformar o Periferia num programa que aborda temas nacionais existe desde a estreia em 2007. “Toda a trajetória da produção do programa foi dividida com o processo político e a falta de recurso para que o programa ganhasse um ar mais dinâmico. Todo esse desenrolar aconteceu no ano passado quando foi firmado o convênio e liberada a verba”, explica.

Hot Black adentrou no mundo do hip-hop através do RAP, em 1992, quando ouviu uma coletânea com músicas de Thaíde e Dj Hum, Racionais MCs, Nação Duck Jam, entre outras... Naquela época ele flertava, por influência do irmão mais velho, com o movimento Punk, mas sabia que precisava encontrar algo que tivesse mais identificação com suas ideias. Bastou ouvir as letras de um rap pela primeira vez para descobrir a que mundo ele pertencia. Já no ano seguinte passou a integrar o grupo de rap Bronca e Cia, onde cantava letras que o grupo já tinha. Em 1995 sentiu a necessidade de fundar um grupo de rap onde pudesse expor suas ideias, foi quando surgiu o Mensagem Negra, que esta na ativa até hoje. “Ouvi a música RAP num campeonato de skate. Me identifiquei e vi que tinha facilidade para memorizar as letras. Eu até já tinha dançado break em 1989, mas naquela época nem entendia que se tratava de um elemento da cultura hip-hop”, explica.



TV Brasil SINTONIZE

A TV Brasil é a emissora pública nacional e pode ser sintonizada em canais abertos de diversos estados, através de parabólicas e tevês por assinatura. Para saber como assistir a TV Brasil na sua região acesse tv-brasil.ebc.com.br/comosintonizar

PROGRAMA NA TV BRASIL

Hot Black teve a sensibilidade para perceber que o hip-hop precisava mais do que artistas, precisava de ativistas. Ao conhecer os quatro elementos do hip-hop e entender que havia uma discussão engajada com objetivo de transformação social, Hot Black começou a trabalhar em prol do movimento para abrir portas e construir espaços onde o hip-hop pudesse atuar. Um dos primeiros passos nessa militância foi o Fest Skate Rap, realizado em 1997. Naquela época Racionais MCs estava estourado com "Sobrevivendo no Inferno" e as batidas pesadas ecoavam nas quebradas sergipanas. Doze grupos de rap participaram do evento que marcou época no movimento regional.

Depois de muita luta para construir espaços importantes e manter o hip-hop vivo em Sergipe, em 2001 Hot Black

passou a atuar num cenário mais político e a propor políticas públicas em prol do movimento. Vinte anos se passaram desde que as letras fortes do RAP conquistaram o coração e a mente de Hot Black e nesse período muitas são as vitórias alcançadas através da sua incansável militância. Hoje o hip-hop integra

o calendário de atividades culturais de Aracaju e possui também uma agenda própria. "Esse fomento acontece mais na capital, já que os outros municípios ficam um pouco mais afastados dessa produção porque estão mais ligados as tradições culturais e folclóricas dos seus lugares".



NOVA LOJA VIRTUAL

www.1dasul.com.br





BAR DA MARIA 23 ANOS

COMEMORANDO ANIVERSÁRIO DO BRUNO MENTS



Campinas sempre foi considerada um celeiro do Rap Nacional e mesmo com o passar dos anos o título continua atual. No bairro do Cafezinho, ou Núcleo Residencial Independência como prefere a Prefeitura, o rap fervilha em todos os cantos. Graças ao empenho de Bruno e Thiago, do Ments, e Wra, eventos de rap têm se tornado

cada vez mais frequentes na quebrada. No dia 31 de março um grande show com Edi Rock e Ca.Ge.Be reuniu centenas de pessoas no Bar da Maria, que comemorou 23 anos de existência. A festa também foi para celebrar o aniversário de Bruno, integrante do Ments. Os grupos Floripa MC's, Manifesto, Palavra de Honra e Palavra Feminina, todos de Sari-

ta Catarina, também se apresentaram e conquistaram o público paulista. Durante o evento foi lançada a 3ª edição da Revista Rap Nacional em Campinas. No Portal Rap Nacional você confere uma reportagem especial, feita por Cristiane Oliveira, sobre o RAP no Cafezinho. Veja os melhores momentos da festa sob as lentes do fotógrafo Jurssa.



Nosso papel vai muito além do impresso...

Portal Rap Nacional

Revista - Site - TV - Rádio - Loja

13 anos de credibilidade

35 mil visitas por dia





LANÇAMENTO
DO SITE RAP
NACIONAL
GOSPEL



Nos dias 12 a 14 de abril foi realizado o 1º Salão Internacional Gospel, no Centro de Exposições Imigrantes, em São Paulo/SP. O hip-hop foi presença marcante e dezenas de grupos de RAP Gospel se apresentaram. Dj Alpiste, considerado o pioneiro do RAP Gospel no Brasil, foi homenageado e recebeu uma placa das mãos de

Luciana Mazza, da Agência MRI, realizadora do evento.

O estande do Portal Rap Nacional foi um dos mais visitados e serviu de ponto de encontro para os manos e minas que prestigiaram a feira. O evento marcou o lançamento da 3ª edição da Revista Rap Nacional e também a inauguração de mais um veículo de comunicação. O Por-

tal Rap Nacional Gospel (www.rapnacionalgospel.com.br) surge para atender uma demanda cada vez maior e divulgar o trabalho de artistas que fazem RAP não só com o intuito de denunciar as injustiças sociais mas acima de tudo divulgar a Palavra de Deus. Confira quem passou pelo nosso estande e também os melhores momentos do Salão Internacional Gospel.



"Suba o primeiro degrau com fé. Não é necessário que você veja toda a escada, apenas de o primeiro passo..."

Martin Luther King Jr.

Andre Genovesi:

"Eu respiro skate. Eu sou skate!"

Por Igor Moraes
Fotos Divulgação

O sonho de se tornar um skatista profissional famoso e morar na Califórnia rodeia a mente de jovens atletas apaixonados pelo Skate. O talento e a dedicação de André Genovesi fizeram com que ele ultrapasse a barreira entre sonho e realidade e há 14 anos mora em Los Angeles. André é hoje um dos skatistas brasileiros mais respeitados no cenário mundial e dono da marca Son Skateboards.

A paixão pelo Skate começou quando André ainda morava em São Paulo/SP e tinha apenas sete anos. As ruas da metrópole brasileira serviram de obstáculo para as primeiras manobras e André lembra com saudosismo esse período de sua vida. "Nos anos 90 minha escola foi as ruas de São Paulo. Eu estava sempre atras de novos lugares para andar de Skate", comenta André.

Quando André tinha 14 anos de idade sua família fundou a marca Son Skateboards, que foi um marco na cena nacional. A Son produziu vídeos e materiais de alta qualidade e que criou uma tendência inovadora, que é seguida até hoje. Naquela época o sonho de viver na mecca do skateboard mundial já rondava os pensamentos e André. Com 16 anos começou a agilizar os

documentos necessários para a viagem, que aconteceu no ano seguinte. Aos 17 anos André Genovesi embarcou rumo aos Estados Unidos levando nos braços 10 shapes e um sonho na mente.

Durante cinco anos André treinou duro para só em 2003 ver sua carreira de atleta ter uma grande ascensão. Neste ano ele foi eleito um dos 10 melhores amadores pela Revista Trasher. Em 2004 passou a integrar a equipe Hosoi, do lendário Christian Hosoi, e a atuar como profissional.

Atualmente o nome de Andre Genovesi é reconhecido mundialmente e seu repertório de vídeos inclui o 411vm, Transworld, Turf Global e inúmeros projetos com seus patrocinadores.

Depois de 14 anos morando nos Estados Unidos e de muito trabalho e suor derramado, Andre Genovesi conquistou seu espaço na cena do skateboard mundial.

Aos 31 anos de idade André acumula não somente títulos e vitórias, mas também experiência e maturidade. Hoje, com uma família formada e pai de um menino de quase dois anos, tem se dedicado também a marca Son

Skateboards. O conhecimento de mercado adquirido ao longo de anos dedicados ao skate e a parceria com o amigo GianCarlo Naccarato tem surtido grandes resultados. O trabalho desenvolvido por Andre e Giancarlo tem o foco voltado para ajudar e influenciar a nova geração de skatistas e a fazer uma indústria auto sustentável. A maior preocupação é não agir como a maioria dos empresários que fazem da indústria somente um meio de ganhar dinheiro e não investem no futuro do skateboard. "É muito fácil para uma pessoa que não vive o skate, que não anda e nunca andou sair fora do negócio se o segmento passar por alguma crise. E é assim que o skate some do mapa! Empresários somente focados no lucro, que produzem materiais de baixa qualidade e não investem na formação de skatistas e isso me deixa muito preocupado", explica.

André vive o skate intensamente desde os sete anos de idade e garante que estará até morrer. "Minha família anda de skate e meu filho já anda desde os 10 meses de idade. Eu respiro skate. Eu sou skate. E nós que vivemos o skate temos que cuidar. Porque se não formos nós quem vai cuidar do skate? Eu morro em cima de um skate para dar a minha parte para um futuro melhor, para as novas gerações que vem", declara.



THAT'S MY WAY
SEU JORGE & EDI ROCK



RAP
NACIONAL

PARTICIPE DA PRÓXIMA - ANUNCIE AQUI!

Se você acha que esta edição está quente, então não perde por esperar a próxima...

(47) 9672-8061 | (47) 7811-3497 | 92*19 91 19

revista@rapnacional.com.br



Brasília: Um novo olhar sobre a diversidade cultural

Há trinta anos, os roqueiros de Brasília invadiram o mercado musical vendendo milhares de discos e resgatando o rock como verdadeiro fenômeno popular. Isto fez com que fosse deflagrado um movimento cultural que tornou a cidade reconhecida nacionalmente como a Capital do Rock.

Aliás, Brasília surgiu no momento da explosão do rock'n'roll no mundo. Nos anos 1980, a cena se fortaleceu. Foi no final daquela década, que a turma de Brasília se consolidou como expressão cultural: Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Capital Inicial, Plebe Rude, Finis Africae, Detrito Federal, Banda 69, entre muitas outras, ocuparam lugar de destaque na mídia nacional e deram uma nova conotação à capital brasileira, que passou a ser também a capital do rock. A história é testemunha dessa vocação. A frase "somos de Brasília", brado dos roqueiros candangos no eixo Rio/São Paulo, evocava o aplauso, a citação na mídia e o contrato com as grandes gravadoras.

Depois disso, veio a massificação e certa decadência estético-musical dos anos 90. O Rock Brasília, desgastado e preconizado pela indústria cultural como ritmo segmentado, passou a viver natural refluxo na mídia de massa em todo o Brasil.

Nestes últimos anos, a nova cena cultural da capital, materializada no Movimento Hip Hop, tem pedido passagem. A nova ordem musical do Distrito Federal está vindo forte, renovada e disposta. Os artistas estão aí para escrever uma nova história de Brasília, desta vez, por meio de uma linguagem de transformação social, nascida nas camadas mais pobres da nossa sociedade. O hip hop é a arte do ritmo e da poesia

urbana, que em grande parte expressa o sentimento de indignação de seus autores contra as injustiças e as dificuldades das populações menos favorecidas. É a arte servindo de protesto social e falando a língua do povo com música. Seus fins estéticos transformaram a forma usual da poesia falada em recursos formais, através das rimas cadenciadas.

Pode-se dizer que o hip hop tornou-se muito mais do que uma performance cultural, virou um meio político de viver, de se vestir e de clamar por espaço público e ações sociais. Seguramente, é o maior movimento cultural do nosso tempo. Indubitavelmente, sob a influência da música, da moda, das atitudes e do estilo da linguagem, o hip hop se transformou em uma rebelião poética, que usa a palavra, os sons das pickups, o swing do corpo e os desenhos e letras grafitadas como arsenal desta revolução. O resultado está aí: produção além das fronteiras estéticas da cultura popular.

Apresentar os estilos, opções, nomes, arranjos, filosofias, poesias, enfim, a cultura urbana da capital, é constatar que o Movimento Hip Hop de Brasília mostrou a sua cara.

Para dimensionar o fenômeno que representa este movimento, se somados, apenas sete dos principais grupos que integram o Movimento Hip Hop de Brasília (Viela 17, Tropa de Elite, Guind'art 121, Voz Sem Medo, Atitude Feminina, Pacificadores e Tribo da Periferia) são quase 50 milhões de acessos a suas produções na internet, todas postadas na rede social Youtube. E isso é reflexo de uma nova conduta da vida moderna. Mais de cem milhões de brasileiros estão na internet.

